

ILUSTRAÇÃO



1.º ANO — Número 20

Lisboa 16 de Outubro de 1926

PREÇO 4500

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão

É
DIFÍCIL
RISCAR



O



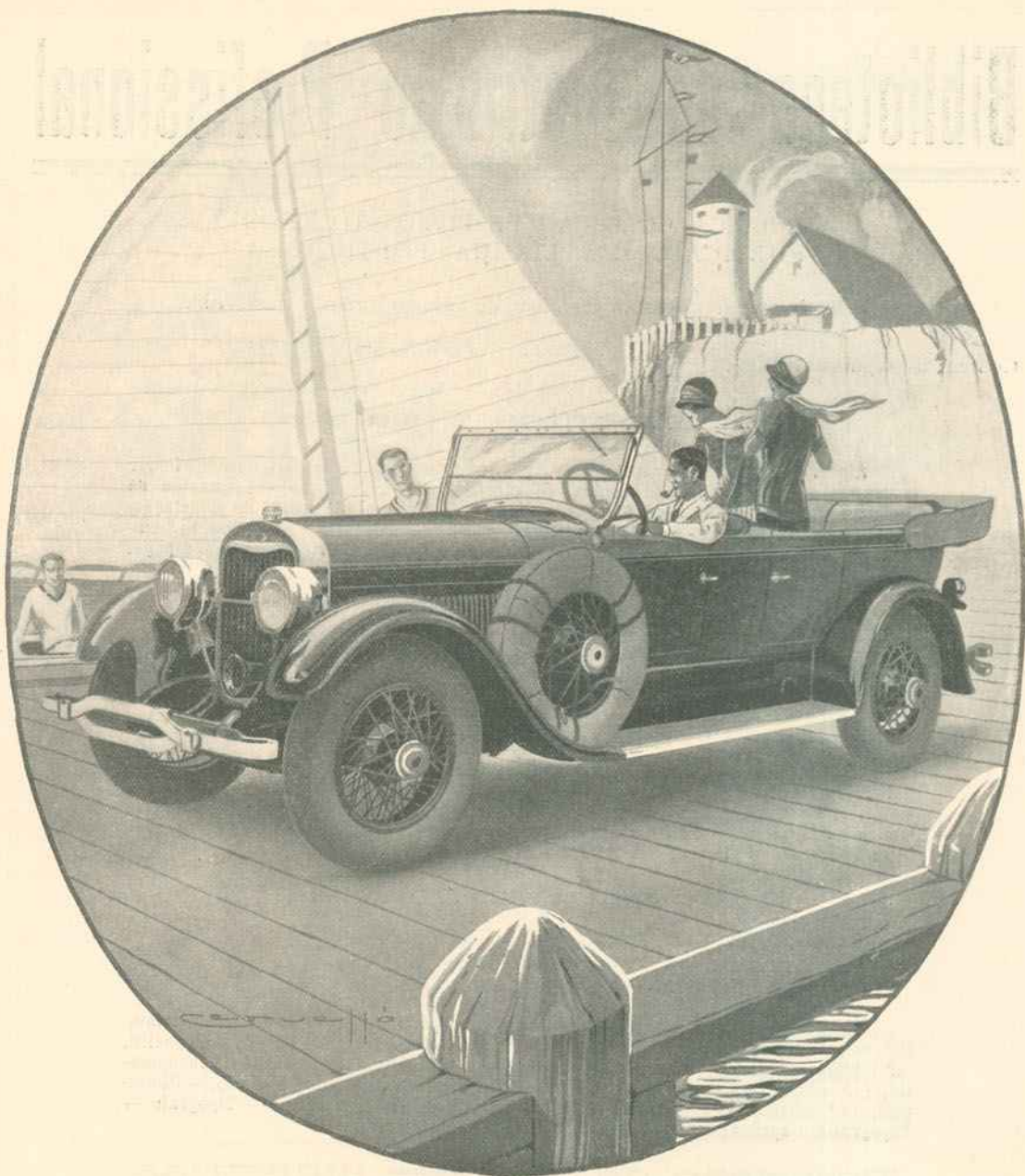
DEPOSITARIOS:

LISBOA — J. G. Rugeróni — 67, Rocio.
 PORTO — Auto Omnia Ltd. — 33, Praça da Liberdade.
 COIMBRA — Canto Ltd. — 9, Praça da Republica.
 MADEIRA — H. P. Miles & C.º — Funchal.
 BEJA — Tulio Ritta Ferro Suc.

AGENTES GERAIS: H. MITCHELL LTD.
 26, Travessa da Ribeira Nova, 1.º — LISBOA

DEPOSITARIOS:

CASTELO BRANCO — Silvio Alves de Souza.
 FORNOS D'ALGODRES — Viuva de José Lopes Lagarto.
 LEIRIA — J. P. de Matos.
 TORRES VEDRAS — José Barreto Garcia.
 VIZEU — A. Lopes Ferreira Ltd.



Tão grande é a vontade de possuir, como de possuir o que há de MELHOR.
Ao proclamar um automóvel desta categoria, a selecção fica, automaticamente, limitada a um diminuto número de marcas. Na escolha de tão reduzido número, devemos decidir-nos por um carro cujo fabricante não só tenha a maior concepção do carro supremo, mas conte com recursos de toda a índole para poder produzi-lo. Os fabricantes do LINCOLN estão no mais firme propósito de construir o melhor automóvel do mundo.
Para alcançar este fim contractaram técnicos e adquiriram para a sua Empresa, matérias primas, maquinismos e todo o género de elementos já mais igualados no fabrico de automóveis. É evidente que, com este propósito e com todos os factores indicados, necessariamente, teriam de obter uma construção que não conseguiriam com menos perseverança ou inferioridade de recursos.

LINCOLN
FORD MOTOR COMPANY, S. A. E. - BARCELONA

Biblioteca de Instrução Profissional

A ÚNICA COLECCÃO DE LIVROS TÉCNICOS
PUBLICADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Volumes encadernados em percalina, de formato portátil e manuseável

Contém as seguintes séries :

Elementos Gerais:

Álgebra elementar, (2.^a edição) — Aritmética prática, (8.^a edição) — Desenho linear geométrico, (6.^a edição) — Elementos de electricidade, (5.^a edição) — Elementos de Física, (5.^a edição) — Elementos de mecânica, (4.^a edição) — Elementos de modelação, (2.^a edição) — Elementos de projecções, (2.^a edição) — Elementos de química, (4.^a edição) — Escrituração comercial e industrial, (3.^a edição) — Geometria plana e no espaço, (4.^a edição) — O livro de português, (3.^a edição).

Mecânica

Desenho de máquinas, (3.^a edição) — Material agrícola, (2.^a edição) — Nomenclatura de caldeiras e máquinas de vapor, (3.^a edição) — Problemas de máquinas, (4.^a edição).

Construção Civil

Acabamentos das construções, (2.^a edição) — Alvenaria e cantaria, (4.^a edição) — Edificações, (4.^a edição) — Encanamentos e salubridade das habitações, (3.^a edição) — Materiais de construção, (4.^a edição) — Terraplenagens e alicerces, (4.^a edição) — Trabalhos de carpintaria civil, (5.^a edição) — Trabalhos de serralharia civil, (3.^a edição) — Cimento armado — Elementos de história da Arte.

Construção Naval

Construção naval, 1.^o, 2.^o, 3.^o, 4.^o e 5.^o volumes.

Manuais de Ofícios

Condutor de automóveis, — Condutor de máquinas, (4.^a edição) — Electricista, (5.^a edição) — Fabricante de tecidos, (2.^a edição) — Ferreiro, (3.^a edição) — Fogueiro, (2.^a edição) — Formador e estucador, (2.^a edição) — Fundidor, (4.^a edição) — Galvanoplastia, (2.^a edição) — Motores de explosão, (3.^a edição) — Navegante, (3.^a edição) — Pilotagem, (2.^a edição) — Sapateiro, — Serralheiro mecânico, — (2.^a edição) — Tipógrafo, — Topografia e agrimensura. — Torneiro e frezador mecânicos.

Descrição de diversas indústrias

Indústria alimentar, (2.^a edição) — Indústria de cerâmica, (2.^a edição) — Indústrias de fermentação, (2.^a edição) — A hulha, — Iluminação, — Metalurgia. — Indústria da sêda, — Indústria do vidro.

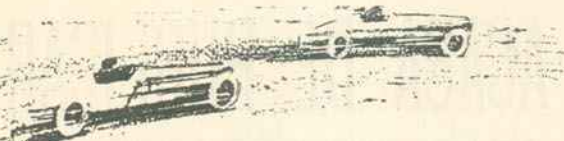
ENVIAM-SE CATÁLOGOS A QUEM OS REQUISITAR

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**Grande Premio
de Boulogne
e
Taça Boillot**



ganhos com

SHELL naturalmente!

**GRANDE PREMIO DE
BOULOGNE**

<p>CLASSE 1500^{cc}</p>	<p>— 1.º —</p>	<p>Ganho pelo Sr. G. E. T. Eyston num carro "Bugatti" com.... SHELL.</p>
		<p>1.º — Ganho pelo Sr. M. Bourdon num carro "Salmson" com.... SHELL.</p>
<p>CLASSE 1000^{cc}</p>	<p>— 2.º —</p>	<p>Ganho pelo Sr. Geo Newman num carro "Salmson" com.... SHELL.</p>

TAÇA BOILLOT

CARROS DE TURISMO

Ganha pelo Sr. M. Lagache, num carro "Chenard
Walcker" com.... **SHELL.**

SHELL

A MARCA DE CONFIANÇA MUNDIAL



THE LISBON COAL & OIL FUEL COMPANY Ltd.

LISBOA

ACABA DE PUBLICAR-SE



Almanach BERTRAND

Único no seu género em Portugal

O maior êxito de livraria e o melhor passatempo

Páginas recreativas, amenas e instrutivas

Enciclopédia de conhecimentos úteis

Um elegante volume de 400 páginas 10\$00

A' venda em tôdas as livrarias, agências e correspondentes

Pedidos aos editores **AILLAUD, LIMITADA**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Quereis brindar vossos filhos?

Quereis que tomem gosto pela leitura?

Quereis que aprendam a ler correntemente?

Dai-lhes a ler até aos 7 anos, os livrinhos da Biblioteca Infantil:

NA TERRA E NO MAR
CONTOS GREGOS
BONECOS FALANTES

Dos 10 anos em diante:

ROMANCE DA RAPOSA

Cada volume, brochado . . . 6\$00
» » com encadernação especial 10\$00

As melhores e mais bonitas histórias para crianças, por escritores portugueses e brasileiros.

• • • •

Profusamente ilustradas a cores pelos melhores artistas nacionais e estrangeiros.

• • • •

Pedidos às livrarias AILLAUD e BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

GRANDE EDIÇÃO POPULAR

DAS

Viagens Maravilhosas aos Mundos Conhecidos
e Desconhecidos

“JULIO VERNE”

Acabam de reeditar-se os seguintes volumes:

- N.º 1 — **Da Terra á Lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo (7.ª edição).
 N.º 2 — **A' Roda da Lua**, tradução de Henrique de Macedo, (6.ª edição).
 N.º 3 — **A Volta do Mundo em Oitenta Dias**, tradução de A. M. da Cunha e Sá, (6.ª edição).
 N.º 8 — **Viaagem ao Centro da Terra**, tradução de Mariano Cyrillo de Carvalho, (5.ª edição).
 N.º 21 — **Uma Cidade Flutuante**, tradução de Pedro Guilherme dos Santos Diniz, (4.ª edição).
 N.º 22 — **As Indias Negras**, tradução de Pedro Vidoeira, (4.ª edição).
 N.º 33 e 34 — **A Jangada**, 1.º e 2.º volume, tradução de Pompeu Garrido, (3.ª edição).
 N.º 45 — **A Estrela do Sul**, tradução de V. Almeida d'Eça, (4.ª edição).
 N.º 46 — **Os Piratas do Arquipélago**, tradução de João Maria Jalles, (4.ª edição).
 N.º 65 — **Castelo dos Carpathos**, tradução de Pinheiro Chagas, (3.ª edição).
 N.º 75 — **Um Drama na Livonia**, tradução de Fernando Correia, (2.ª edição).
 N.º 79 — **O Farol do Cabo do Mundo**, tradução de Joaquim dos Anjos, (2.ª edição).

NO PRÉLO a sair brevemente:

Todos os restantes volumes desta colecção

Cada volume encadernado Escudos 10\$00

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Marmores	MARMORES	Lambris
Serrados, Brunidos e Polidos para Pavimentos, Moveis, Quadros Eléctricos, etc.		ESPECIALI- DADE EM Mosaicos
ESPECIALI- DADE EM		DE Marmore
Mosaicos		Pedidos á SOCIEDADE DOS MARMO- RES DE POR- TUGAL, LIM.^{DA}
DE		LISBOA T. Remolares, 10, 3. ^o
Marmore		PORTO R. Formosa, 213, 1. ^o

COLEGIO VASCO DA GAMA
 Travessa das Preiras, a Arroios, 2—LISBOA (Norte)
 Telef. Norte 2145 End. Telegr.: COLEGIO—Lisboa
 Recomendado pela Delegação de Saude
 Diploma de Honra do Ministerio de Instrução Publica



INTERNATO, SEMI-INTERNATO, EXTERNATO
 Classe infantil e de instrução primária, curso completo dos liceus, sciências e letras. Curso comercial. Curso agrícola, louvado e reconhecido de utilidade publica por portaria do governo.
Onze anos de brilhantes resultados
No ano transacto foi o colegio que obteve maior percentagem de aprovações e as classificações mais elevadas
 Este Colegio está sempre e por completo patente a quem quiser visita-lo
 Envia-se prospectos com todos os esclarecimentos.

**SAPATARIA
GARRETT**

...

Brevemente

abertura

da Estação de Inverno

RUA GARRETT, 94 Telef. C. 3681

Grip-fix A COLA IDEAL
 ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ
 Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação **Preço 9\$00**
 Únicos representantes para Portugal e Colónias:
AILLAUD, LIMITADA
 73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Edições da Biblioteca Nacional

<i>Anais das Bibliotecas e Arquivos.</i> Revista trimestral. 3 vols., 12 n.ºs Número avulso N.ºs 1 e 3 (Esgotados).....	6\$00
<i>Guia de Portugal,</i> 1.º vol, sob a direcção de Raul Proença.....	50\$00
<i>Actologia dos Economistas Portuguezes.</i> Seculo XVII. Obras em português. Selecção, prefácio e notas por António Sérgio.....	15\$00
<i>Bosquejo da historia de Portugal,</i> por António Sérgio.....	2\$00
<i>Guia de Evora e seus arredores,</i> sob a direcção de Raul Proença.....	4\$50
Tiragem especial.....	10\$00
<i>Bibliografia das bibliografias portuguesas,</i> por António Anselmo.....	7\$50
<i>Dispersos,</i> de Oliveira Martins, 2 vols., coordenado e prefaciado por António Sérgio.....	20\$00
Tiragem especial.....	50\$00
<i>Recreação Periodica,</i> pelo Cavaleiro de Oliveira. Pref. e trad. de Aquilino Ribeiro. 2 volumes.....	10\$00
Tiragem especial.....	40\$00
<i>Marco Paulo.</i> Reimpressão de edição de Valentim Fernandes, por Esteves Pereira	8\$00
Tiragem especial.....	18\$00
<i>Processo dos Tavoras,</i> publicado sob a direcção de Pedro de Azevedo.....	7\$50
<i>Catálogo ideográfico. Sub-rubricas gerais</i>	1\$20
<i>Instruções relativas á aquisição de verbetes da Biblioteca Nacional</i> (Esgotado) Lusitana. Edição fac-simile da 1.ª edição do poema, com aparato critico de José Maria Rodrigues.....	50\$00
Tiragem especial (Esgotada).....	5\$00
<i>O papel como elemento de identificação,</i> por Arnaldo Faria de Azevedo e Melo....	5\$00
<i>Os Códices Alcobacenses da Biblioteca Nacional,</i> por António Anselmo.....	5\$00

DÉPURATIF du D^r MANGET



**Sangue viciado
Escrofulas
Má circulação
Doenças de Pele
Doenças das Senhoras
Menopausa
Afrontamentos**

Établissements Chatelain
15 GRANDS PRIX
Fornecedores dos Hospitais de
Paris, 2 bis, rue de Valenciennes,
PARIS



Suprime as varizes

Analgamente como um cano inerte, no qual circula im líquido impuro, acaba por se corroer e alterar, não é de admirar que veias e arterias nas quais passa um sangue pesado e espesso e portanto de circulação forçadamente lenta, acabem tambem por se cançar inchar a até rompem-se algumas vezes. Eis a causa da formação de varizes, das hemorroidas, das ulceras varicozas e de tantos outros accidentes que não sendo mortais são sempre dolorosos e muitas vezes repugnantes.

O remedio é facil, basta purificar o sangue, eliminar os escrota que entremam e retardam a circulação. O *Depurativo do Dr. Manget* tendo por base quinze plantas reputadas atravez de todos os tempos pelas suas virtudes depuradoras, associadas a outras substancias judiciosamente escolhidas e preparadas o que constitui uma garantia de qualidade nos Laboratorios do Urodonal é o depurativo ideal, que purifica e limpa o sangue vivifica e sancia organismo, é remedio verdadeiramente eficaz contra as varizes e as hemorroidas, que toda a pessoa sujeita a estas doencas devem empregar.

Port. A. VINCENT Lda - CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS - RUA Ivens, 56 - TEL. 1858 C.

TEINDELYS

Creme para o rosto

da uma
Cór de Lya



Mantem o pó e assegura uma excelente carnacão

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

UN JOUR VIENDRA



Perfume
Perturbante
Penetrante

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

TEINDELYS



Pó adberente
Impalpavel

(Tudo as cor.)

ARYS
3, Rue de la Paix
PARIS

VOTRE DENTIFRICE

celui que vous pouvez choisir en toute confiance parce qu'il vous est vendu avec un numéro de garantie réelle et échangé sans discussion au cas de non convenance

LE SAVON DENTIFRICE des RR.PP. BÉNÉDICTINS de SOULAC

D

onne
es
ents
ivines

ROYAL WINDSOR

Restitue aos Cabellos a sua cor primitiva.

ÁVENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS e DROGARIAS

AS MEIAS de LINHO
PRINTEMPS
são de qualidade
GARANTIDA
Venda exclusiva
AU PRINTEMPS, R. Ivens 56-L/30A

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}
R. Anchieta, 25 — Lisboa

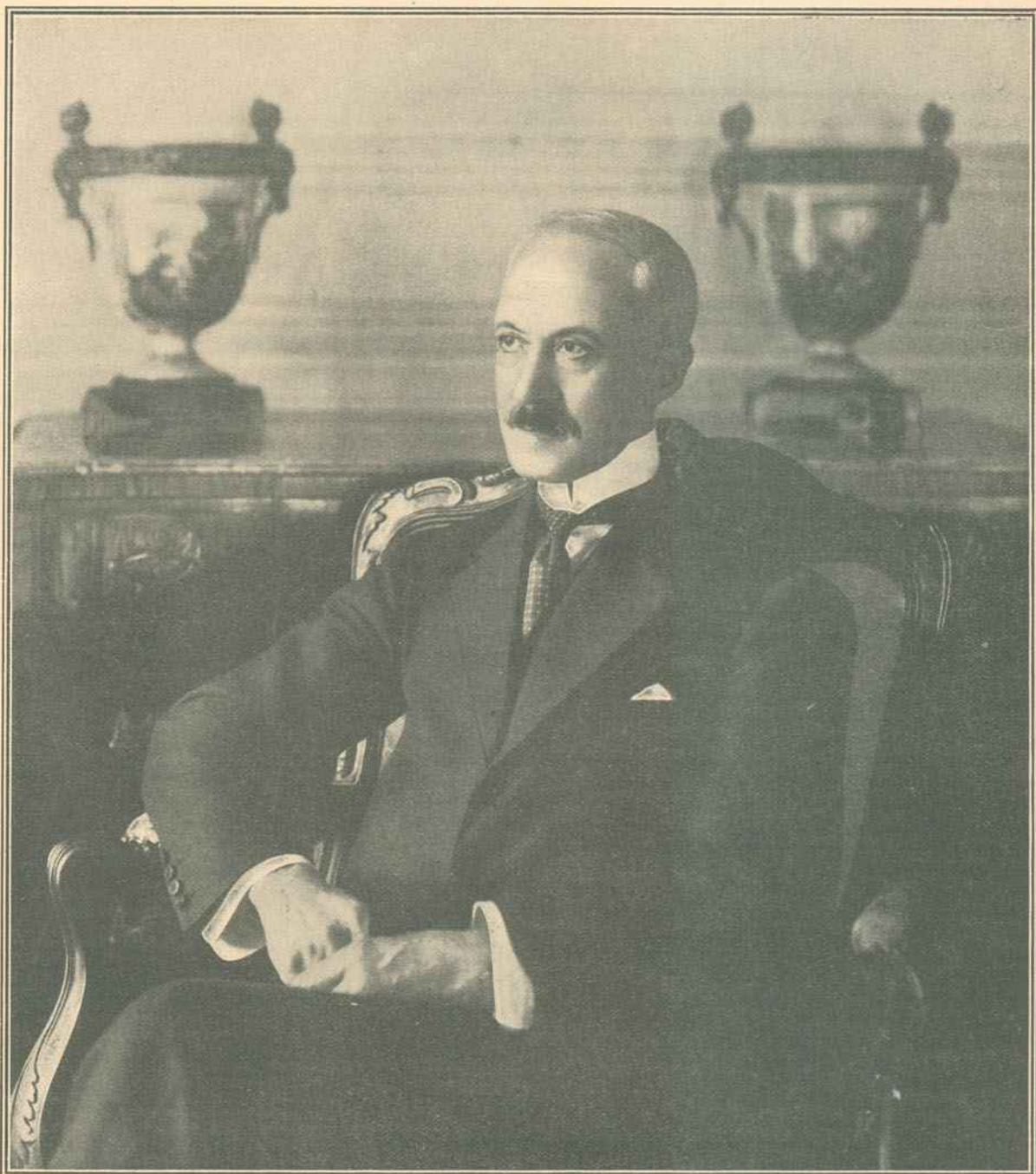
.....
DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

ANO 1.º — NÚMERO 20

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE OUTUBRO DE 1926

.....



SUA EXCELÊNCIA D. CRISTÓVÃO FERNANDEZ VALLIN

(Cliché Serra, Ribeiro)

Novo embaixador de Espanha em Portugal, conforme credenciais apresentadas ao nosso governo nos dia 4 do corrente mês

CRÓNICA DA QUINZENA

A comemoração aniversária da República lêz-se este ano em surdina. Os morteiros, que costumam emprestar às expansões republicanas um carácter insofismavelmente estrondoso, foram proibidos pelo Governo que, por esse facto, não atentou contra a Constituição e deu até—tendo em conta as suas características marciais—o belo exemplo de utilizar a oportunidade para a discreta indicação pública de que o Exército não vê com simpatia os estoíros fora dos campos de batalha.

O morteiro, que ribombando nas montanhas, em homenagem atroadora a qualquer orago popular, nos arraiais do Norte, constitui o complemento sinfónico dos Zês-Pereira e uma das características pitorescas dessas festas sertanejas, não se tolera, nem mesmo como *biçarrerie*, numa cidade como Lisboa. É antipático, incomodativo, chegando mesmo a ser odioso. Bem andou, pois, o Governo proibindo-o nas celebrações congratulatórias do advento republicano para sossêgo das crianças, dos enfermos e dos «talasasas»—porque não?—que são também doentes, pelo menos políticos, e de carácter crónico.

A récita de gala no Teatro Nacional, com dois actos da *Severa* e mimosos recitativos na primeira parte do espectáculo, esteve brilhante, tanto mais que a última peça levada à scena no velho palco onde a Damasceno chorou as suas lindas lágrimas portuguesas e Brazão luziu durante tantos anos a sua glória de galá romântico—quero referir-me à insípida comédiazinha de Martinez Sierra escolhida por Ilda Stichini para a sua festa—tinha deixado o público do venerando D. Maria necessitado de qualquer coisa que o sacudisse com a empolgadora teatralização scenica dos seus quadros. E não resta dúvida nenhuma que os dois evocativos actos da *Severa*, postos em scena com todo o seu colorido realismo, dum sabor tão lisboeta, diante das fardas consteladas do Executivo, em noite solene de comemoração cívica e patriótica, não poderiam deixar de exercer sobre a emotividade da plateia o efeito decisivo duma grande lição de Arte.

Para que nenhum ruído menos harmonioso pudesse pôr nas festas do décimo sexto aniversário da República uma nota desagradável assim como o raspar duma unha num vidro, também o Governo, relinido em conselho de ministros, deliberou que no programa dos festejos não fosse incluído, como era veemente desejo da Esquerda Democrática, um concerto pela banda do Troviscal, que, segundo dizem, dispõe de alguns apreciáveis clarinetos, mas que Sua Excelência Reverendíssima o Sr. Bispo-Conde, aqui há tempos, não sei bem porque subtil discordância, excomungou com tanto prejuízo para a sublime arte dos *passé-calles*, como intuitivo proveito para as almas.

Tudo se resumiu, desta maneira, em matéria de comemorações republicanas, às salvas pra-

xistas dos navios de guerra, como de costume surtos no Tejo, a um banquete de confraternização opípara no Campo Grande com cinqüenta talheres e outros tantos copos de Colares Burjacas—e à romagem tradicional ao Alto de S. João, onde o sentimento dos milhares de cidadãos que ali foram significar a sua solidariedade com os precursores e combatentes da República já sumidos no tûmulo falou pela boca de três ou quatro oradores, aos quais quis juntar-se, por delicada deferência, S. Ex.^a o Sr. Ministro da Justiça.

E foi tudo,—o que não admira.

A quadra em que entramos, depois dos fahlantes dias de africana soalheira em que este ano foi para nós pródigo, tomou já uma tinta de melancolia e trouxe-nos um friozinho arrepiante que, pela brusquidão com que surgiram, propendem desabaladamente os espiritos para um desânimo incoercível e para um vago aborrecimento.

O outono é a quadra querida das almas inclinadas à branda volúpia das «reveries». Tem, na sua doçura, o aveludado de certas modulações delicadas dos violoncelos,—um recolhimento propício ao confabular scismático, abstracto das quintessências espirituais... No doirado que, com mãos diáfanas, esparze na penumbra das alamedas, nos jardins, sobretudo ao fim da tarde, há uma unção violeta, inexprimível,—quasi irreal—que não se percebe bem se cai do céu se das almas trespassadas. Lisboa, que, tôda em ocre, vermelho e azul, com suas cruas chapadas de cal reverberante, é um alarido oftálmico na poalha fulva, espiritualiza-se no Outono e quasi desmaia como uma princezinha de balada.

Pobre dela, coitadinha, que este ano, apagada de chofre a incandescência da tormenta canicular, tem a bater-lhe à porta, açodado e rude, como poucas vezes apressado, o rebarbativo embaixador das Chuvas e das Lamas!

Eis porque o Governo, sempre atento às variações atmosféricas, que tanto influem sobre o moral, confortando o país com uma atitude de sugestivo optimismo, afugentador de apreensões e lóbregos pensamentos, decidiu tabelar as batatas e o azeite para que todos se convençam de que ainda há disso—e mandou iluminar, em homenagem aos princípios eminentemente civillistas que inspiraram o movimento de 5 de Outubro, a fachada do Congresso.

Ha mais de trinta anos, no Alandroal, deu-se um fratricídio. O espanto dum pobre-diabo vendo tempos depois, às grades da cadeia, de camisote negro, de luto,—o inditoso matador.

O caso é histórico. Chamavam-se Violas, de seu apelido a vítima e o Caim alandroalense.

Os homens, às vezes, parecem ser feitos de pedra e cal—ainda mesmo quando o não estão. Tem a insensibilidade das paredes.

Se o meu caro confrade da imprensa e distincto—entre os mais distintos colaboradores da *Ilustração*—sr. Norberto de Araujo se não tivesse referido já, em letra redonda, à crónica da quinzena passada aqui subscrita por Aquilino, desancando Lisboa, eu não resistiria a comentá-la. Pela segunda vez correria a bater-me pela minha dama. (A primeira foi logo após a noite trágica quando estive em voga todos os provincianos que fugiram da terra para Lisboa há um ror de anos carregarem a pobre com todos os pecados mortais). Pediria licença a Aquilino, que muito mais do que eu tem viajado, para lhe apontar as coisas sujas e reles e pícaras e monstruosas até que se podem lobrigar lá fora, nas grandes capitais europeias, onde tanto há que devemos imitar e adaptar, mas onde acima de tudo, nas minhas ofegantes excursões de viajero, tenho aprendido a amar cada vez mais esta Lisboa de que Aquilino acaba de dizer tanto mal—em tão boa prosa.

Não, eu discordo! E em nome das três ou quatro dúzias de lisboetas que Lisboa ainda abriga no seu seio hospitaleiro aqui levanto, varado pela oburgatária furibunda do Mestre, um magro protesto melancólico contra o hospede ilustre que, dizendo tanto mal dela, não é capaz de a trocar, nem mesmo pela sua Beira cuja imagem saúdosa a gente vê constantemente nas pupilas do seu filho que Lisboa atraiu e cativa com a diabólica feiticeira duma cortezan... .

BOURBON E MENESES.

JOSE VELOSO SALGADO

A nossa colecção de tricromias honra-se hoje apresentando uma das mais notáveis obras que a paleta deste ilustre artista tem produzido: *Amor e Psyche*. Esta tela de singular valor no género decorativo data de 1891 e existe actualmente no Museu de Arte Contemporânea.

Sucintamente embora, não deixaremos de dar algumas notas biográficas do artista, a quem os seus discípulos ainda recentemente, em Junho do ano em decurso, prestaram uma significativa homenagem.

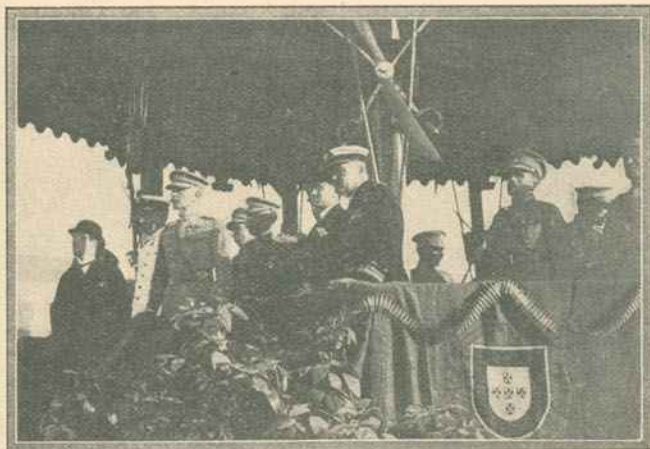
Nascido em terras de Espanha, em 2 de Abril de 1861, veio em juvenil idade para Lisboa e aqui fez os seus primeiros estudos artísticos na Escola de Belas Artes, sendo discípulo de Ferreira Chaves e José Simões de Almeida (tio).

Em 1888, já naturalizado português, partiu para Paris como pensionista do Estado. Ali teve por mestres Cabanel e Delaunay, obtendo, entre outras recompensas, o 1.º prêmio de *Atelier*. Em Itália esteve também um ano, onde estudou os primitivos. O seu grande quadro *Jesus foi executado em Florença*.

Dal por diante, quer no *Salon*, quer nas exposições lisboetas do *Grémio Artístico*, as medalhas e menções não cessam de assinalar o seu talento, que, sem descurar a paisagem, se fixa de preferência no género histórico e, mais ainda, no retrato, a ponto de em 1895 uma crítica do *Figaro-Salon* o colocar na coorte dos primeiros retratistas contemporâneos.

Em 1901 Salgado obteve a nomeação de professor efectivo de pintura histórica da Escola de Belas-Artes, lugar já por elle exercido interinamente desde 1895. Existem magníficos painéis da sua autoria no salão nobre da Câmara Municipal de Lisboa, e também na Bolsa do Porto e na Escola Médica Cirúrgica da capital.

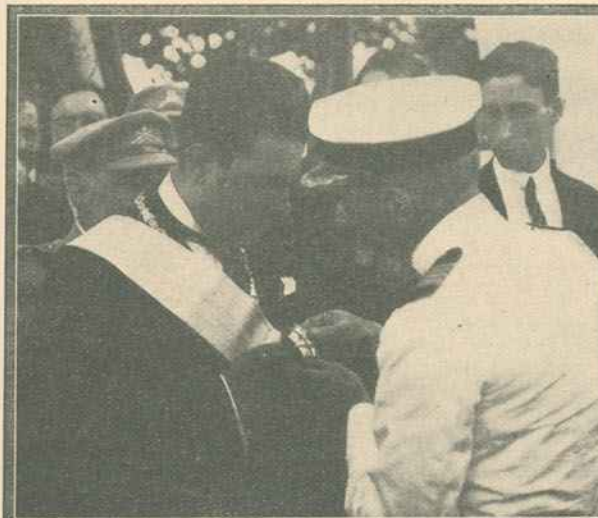
ILUSTRAÇÃO
ACTUALIDADES LISBOA



A tribuna de honra, armada na praça Duque de Saldanha, em que os membros do governo assistiram à Parada Militar

O 16.º ANIVERSÁRIO
DA PROCLAMAÇÃO
DA REPÚBLICA

Assinalando a passagem do 5 de Outubro, data da implantação do regime republicano em Portugal, efectuaram-se este ano as costumadas festas, sem espalhafatosas pompas, que, as mais das vezes, não encerram significado algum, mas não sem aquele brilho que a presença das entidades oficiais, sobretudo as militares, imprimem sempre aos actos de que participam. As nossas gravuras foram aspectos dos números mais salientes desta comemoração.



A imposição das insígnias da Grã-Cruz da Torre e Espada ao Vice-almirante Machado dos Santos, na pessoa de seu filho



A cerimónia da entrega do estandarte ao novo regimento de caçadores 5.



O desfile do contingente de Marinha em frente da tribuna

A COMEMORAÇÃO DA BATALHA DO BUÇACO



O sr. ministro do Comércio e mais convidados, depois do banquete efectuado no Palace-Hotel, rememorando a vitória de 27 de Setembro de 1810, alcançada pelas tropas anglo-lusas sobre os legionários de Massena



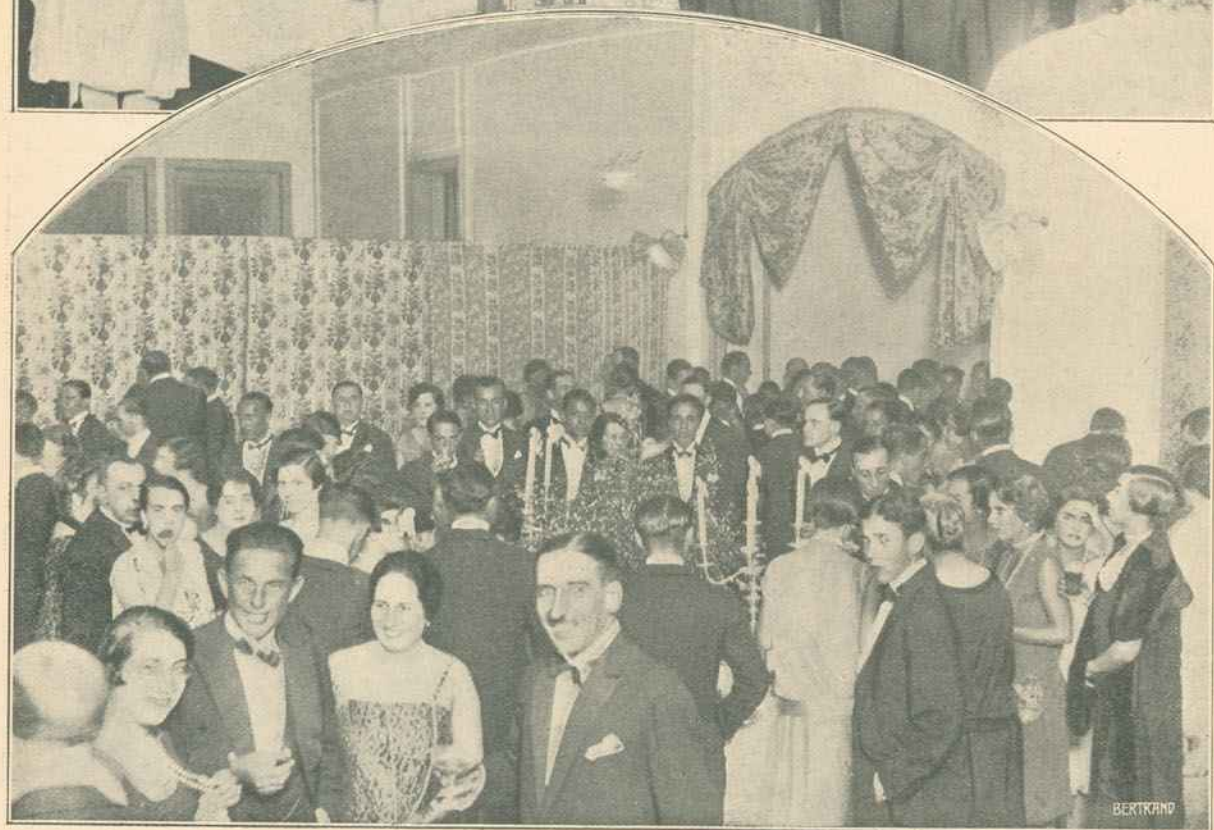
O aparelho «Avro-18» no campo de aviação do Buçaco. No grupo estão, entre outras pessoas, os srs. ministro do Comércio, capitão Menezes Alves, Olímpio de Melo e tenente Dias Leite

SOCIEDADE ELEGANTE

FESTA DE CARIDADE NO
SPORTING CLUB DE CASCAIS

Um aspecto do salão de baile. — Ao centro: A sr.^ª D. Mirla de Lourdes Prestrelo de Vasconcelos, acompanhada da sr.^ª D. Margarida Cambon Brandão e de M.^ll.^{as} Pinto Bastos, Amaral e Castelo-Novo que colaboraram nessa noite de arte e de elegância. — Durante a audição das canções por M.^ll.^{as} Cambon Brandão: A assistência em que se notam as mais ilustres famílias veraneando em Cascais (Clichés Serra Ribeiro)

SOCIEDADE ELEGANTE



A abertura da sala da vela. — Outro aspecto do bufete

(Clichés Serra Ribeiro)

NAS CORRIDAS DE CAVALOS
DO PARQUE DA MARINHA
(CASCAIS)



Um grupo que só os muito exigentes deixarão de considerar gentil



Espectadores satisfeitos com os resultados do torneio



Um trecho das bancadas com a assistência entusiasta

ACTUALIDADES PORTO

A EXPOSIÇÃO DAS INDÚSTRIAS PORTUGUESAS
NO PALÁCIO DE CRISTAL

EM matéria de exposições que atestem a tenacidade e a melhoria de processos do trabalho português, o Porto, cidade das mais brilhantes tradições industriais, tem desde velha data marcado primazia, não apenas sobre as restantes cidades de província, mas até sobre a própria capital do país. Sem desprimor para ninguém, é esta a verdade, e como verdade não deve ocultar-se.

O portuense pode resignar-se a um segundo lugar em qualquer outra manifestação de vida, mas no que respeita à actividade fabril, à produção ou que constitua riqueza nacional, rompe caminho antes de todos e mantém depois o seu pósto bem ganho à frente do cortejo.

Quem se não recorda, por exemplo, dos grandiosos certames, que, com o mesmo carácter, se realizaram aqui há uns anos neste mesmo belo e vasto edificio, tão adequado a empreendimentos desta natureza?

Decerto, a exposição de agora não aspira à

paridade com as pretéritas a que aludimos, pois muito mais modesta é a sua envergadura, mercê de causas facilmente compreensíveis, no número das quais está o facto de não ser senão fruto duma iniciativa individual, a que faltou o necessário auxilio dos poderes públicos, e também o estado actual de crise a que mui poucas das nossas indústrias se eximem.

Todavia, o certame presente, congregando os esforços da chamada pequena indústria, tem o seu iniludível significado, que só por requintada má-fé lhe poderia ser negado: excitar o mundo dos negócios em volta dos produtos das nossas fábricas, que em muita coisa, nem em perfeição nem em preço, devem ser preteridos pelos de origem estrangeira. E disto, que ainda um dia, desde que persistamos em manifestá-lo, há de atingir a firmeza dum dogma, podem tirar-se, pelo menos, êstes dois corolários: primeiro, o de que o operário português é um dos melhores do mundo, quando lhe sabem apro-

veitar as aptidões; segundo, o de que os nossos industriais não são tão aferrados à rotina como por vezes parecem. Não, o progresso não é letra morta em Portugal. Criem os meios officiais, como lhes compete, um ambiente propicio, um ambiente de protecção às nossas indústrias, e elas avigorar-se-hão, e elas sairão dentro em breve da fase embrionária em que tem sido forçadas a manter-se até hoje.

É esta a impressão consoladora com que, na retirada, se transpõem os pórticos do Palácio de Cristal, depois de ter consumido algumas horas no exame dos stands instalados na sua magnifica nave, em que se vêem os mais diversos produtos, desde os adubos, que tanto importam à vida agricola, aos espartilhos e cintos, que não só obedecem aos pruridos da moda como satisfazem também prescrições medicas.

Esta revista, que nunca regateia aplausos a tudo quanto represente expansão da vida nacional, só tem a dirigir o seu parabém aos organizadores e expositores do presente certame, que é um bom exemplo a seguir.

No nosso próximo número daremos, se o espaço no-lo permitir, aspectos dalguns dos melhores stands desta exposição.

A ILUSÃO DE SEMPRE

MAL abrandou o calor, os cavaleiros meteram de novo cara às dunas semeadas, na batida às lebres. A perder de vista mais se não divisava que a areia branca, scintilante, tatuada pelas linhas paralelas do mato sêco, ferruginoso, que fôra berço do penisco e ajudara a planta, anos e anos rasteira e humilde, naquele trabalho paciente e tenaz de agarrar-se ao solo, comparável ao do colchoeiro, cosendo-o, passando-o com raízes longas e finas como cordêis. Era por baixo desses ramos, mirrados como ossos, à sombra das quatro agulhas verdes dum pinheirinho anão, ou duma bandeirola de samouco ou tamargueira, que as lebres deviam dormir a sesta para regalo dos mouteiros desenfadados.

Se bem que os alôes corressem à frente com a raiz tôda, suas senhorias, bem comidos e bebidos, mantinham o cômodo chouto de palafém, mais duma vez levando à peçoceira em suor o lenço perfumado.

Após as dunas de sementeira, depararam-se-lhes, correndo ao Norte, as dunas virgens, tais como Deus, o vento é o mar, as haviam concebido num assombroso caos. Era um arraial de monstruosos vultos cõr de pérola, em cujas arestas brincavam as mais illusórias e fantásticas miragens. Linhas, volumes e faces pareciam estar na sua primeira hora de gènesis. Combinando-se, dissociando-se, revestiam tôdas as formas e nenhuma lhes era duradoura. Não eram montanhas, e havia nelas o ar ascético, um pouco admirado, que as colinas erguem para o firmamento; não eram planaltos e ofereciam aos olhos as mais caprichosas perspectivas; não tinham estrutura própria, e lembravam um campo de ruínas, onde ainda se atreassem pirâmides truncadas de mármore e alabastro. Dir-se-ia que o acaso andara ali ensaiando as suas mil e uma sortes inéditas de prestidigitador sem rival.

A todo o lês dessa paisagem de espanto e de silêncio, a vedar-lhe as sementeiras, estendia-se uma negra e hirta estacada de tábuas. E era como interminável caravana, subindo, descendo, esforçadamente, o chão ondulado e fugidivo dum deserto.

Ante essa balisa, a cavalgada obliqüou à mão direita, rumo ao pinhal do Urso. E, leva que leva, foram dar à duna em que um enxame de homens se obstinava a procurar a felicidade, desenterrando um tesoiro sonhado. Uma güela às escâncaras de mais de trinta côvados de diâmetro; uma caterva de homens às varas de meia dúzia de sarilhos, na descarga e arrasto dos baldes; outra caterva no fundo do precipício manobrando a pá e a enxada; em volta da duna, montes de desatêrro que lembravam uma eira com medidas — tal o quadro que ao primeiro lance de olhos se lhes antepôs.

Quando viram a luzida cavalgada estacar e mostrar jeitos de querer instruir-se da natureza da obra, o Lusitano, antigo mestre de companhia, e o Eudóxio, lavrador, que ali haviam sonhado com o tesoiro, pularam da buraca. Avançando para Luis Mariano, da acreditada firma Mariano & Sucessores, que nos sítios possuía casa apalaçada e vastos bens de raiz, vagamente seu parente, como é de lei para naturais da mesma localidade, o Lusitano salvou:

— Viva lá o senhor primo!

— Então êsse tesoiro? perguntou Luis Mariano, dobrando-se sôbre o cavalo, no tom despreconcebido de quem faz a pergunta mais terra-terra dêste mundo.

Ante o ar circunspecto do patricio e dos outros figurões, um pouco ao desabafo, um pouco para comprazer com suas importâncias, o Lusitano contou dos seus trabalhos e fê inquebrantável.

Desabamentos imprevisos, a ventania, a falta de capitais tinham alongado as pesquisas muito para além dos seus cálculos. Estavam na quinta tentativa, mas agora era de vez. A cova ia escorada por mãos de mestre, que para isso ali traziam de contrato, passante já quatro semanas, carpinteiros especiais de Monte Redondo. Mesmo assim, estavam longe de atingir a fundura a que iam meses atrás. Também se desta feita falhavam, não podiam mais. Contava-se por contos e contos de reis o dinheirão ali enterrado; nem Suas Senhorias podiam imaginar! Queria o primo saber o que mais os apoquentava? Era que o govêrno quisesse meter ali a pata. Já não tinham sido pequenas as dificuldades criadas pela guarda florestal que dera parte dêles. Afinal, mercê de peitas e dos bons officios dos amigos, a Direcção autorizara as pesquisas, contanto que não fizessem estrago no pinhal.

Em volta dos dois bandeirantes, os caçadores tinham feito roda. Um dêles, que ouvira sem pastanejar, a certa altura perguntou:

— Mas que indícios possuem de que debaixo da duna esteja um tesoiro?

O Lusitano citou certa página dum velho livro e o muito de maravilhoso que se seguiu ao sonho revelador:

— Vezes sem conto me sentei nesta duna, de olhos postos no mar, a consultar Deus e a consciência. Os olhos ficavam-me cegos de fitar a água marinha batida pelo sol. E uma voz, tão real e tão humana como a voz de Vossa Senhora, dizia-me: mãos à obra, o tesoiro lá está!

— Vamos por partes — disse o senhor que olhava a direito nos olhos, com uma fixidez que incomodava. — Admitindo que a passagem do alfarrábio é incontroversa, porque há de o tesoiro estar debaixo desta duna e não doutra?

— E porque há de estar noutra e não nesta? Sonhei aqui... vi os milhafres que, segundo o sonho, me indicariam o lugar.

— E' a história de todos os tesoiros encantados. Mas, dando de barato que haja um tesoiro sob esta duna, como mede mais de quinhentos metros de extensão e cem de largura, quem lhes disse que êste boqueirão vai bater no ponto desejado?

— Verdade que essa dúvida nos surgiu de princípio, tanto assim que começamos a desmontar a duna pela ilharga. Mas, ao fim de quinze dias de trabalho, não se via obra feita. Resolvemos atacá-la pelo centro, e com tanta sorte que demos no tesoiro.

— Deram no tesoiro?

— Sim, senhor. Quando a escavação esteve coisa de cinco varas mais funda do que está hoje, um dos nossos meteu o ferro e tocou nas arcas...

— Estão certos disso?

— Como da luz que nos alumia. A pancada bateu em cheio e resou. Que havia de ser no

meio da areia, onde não há pedra, nem terra dura, nem nenhum violão?!

Ao sorriso confiado do Lusitano, o sujeito estranho respondeu, desenfadado:

— Mas há toros de pinheiro.

— Dessa o livro eu. Olhe... — e apanhando um sarrafo da corcôdia carcomida, mostrou-lha com ar triunfante.

Calou-se o senhor que era scéptico. Em tom levemente sardónico, o Luis Mariano disse ainda:

— Oxalá que sejam felizes!

No fundo do boqueirão, enevoado pelas sombras da tarde, ia rija trabuzana. Uma voz lá no fundo, por entre o arrastar das pás cortando o saibro, garganteou:

*Eu sou o mar, tu és a terra,
Qual de nós é o mais valente?*

E era uma toadilha gemebunda, de mareante, que dava o ritmo da própria fatalidade. O senhor curioso, depois de estar uns momentos boquiaberto ante a emprêsa titânica, tornou a perguntar:

— Para que querem o tesoiro?

— Ora para que há de ser?! — respondeu o Eudóxio num sorriso largo, confiado.

— Mas que cálculos de vida têm feito?

— Ora, Vossoria está de mangação!...

Já o sol declinava, foram-se dali, a chouto manso, pela orla do pinhal abaixo à vista do mar.

— Enlouqueceram! — exclamou Luis Mariano, que era o mais prudente dos homens. — Não de deixar ali a pele e a camisa. O Lusitano já nada tem de seu; o outro, que êle conseguiu suggestionar, tem tudo hipotecado, e milagre é se fica com dois palmos de terra onde cair morto.

— Êste Lusitano é bem português — disse o senhor que gostava de filosofar, em voz lenta. — O mar enfadou-o, adeus! toca a sonhar, a erguer castelos na fantasia, a cavar na areia, numa palavra, a debater-se, já naufrago, na mobilidade do próprio pensamento.

— Fazem-me pena estes diabos! — exclamou um.

— Bah! cada um cumpre o seu destino. O nosso, o dos portugueses, é um pouco o dêste homem. O ideal fugiu-nos num escoadoiro de illusões... um escoadoiro inelutável como o da areia. Duma maneira geral, a luta do homem e a obra de idealismo são isto. Amplie-se no tempo e no espaço a loucura da duna, e teremos a loucura da humanidade... a aventura do homem. Para quê?... Tudo se há de sumir no sorvedouro da morte, daqui a alguns séculos ou milênios de milênios, pouco importa.

Houve uma pequena pausa e um dos caçadores objectou:

— E se os homens descobrissem o tesoiro?

— Se descobrissem o tesoiro, não seria menos insano o empreendimento. Que probabilidades têm de o encontrar? Tantas como as do homem se furtar à fatal efeméride da matéria.

Entardecia; os galgos levantaram uma lebre e, com a galopada, os gritos, a febre do lance, aquelas vagas ideias negras escoaram-se no universal sumidoiro de tôdas as coisas... vida e morte.

AQUILINO RIBEIRO.

DESPORTOS



O vencedor, Bessone Bastos, depois da chegada

NATAÇÃO

A TRAVESSIA DE LISBOA

Foi brilhante a sexta travessia de Lisboa a nado ganha por Bessone Bastos.

O Algés e Dafundo, organizador da prova, conseguiu mais uma grande vitória, afirmando assim a sua vitalidade e concorrendo poderosamente para a propaganda da natação em Portugal.

Bessone ganhou e ganhou em grande campeão, demonstrando ser o melhor nadador português, aquele que reúne melhor conjunto de qualidades e recursos para provas de grande fundo.

O seu tempo de 2 h. 4 m. e 28 s. é excelente,



Um «drive» de Mrs. Shervington

tendo-lhe sido feita à chegada uma calorosa manifestação.

Organização boa como já dissemos e assistência numerosa.

LAWN-TENNIS

Terminaram em 3 do corrente mês os Campeonatos Internacionais de Lawn-Tennis organizados pelo Sporting Club de Cascais e que decorreram com muita animação, devido sobretudo a neles terem tomado parte os jogadores ingleses Turnbull e Higgs.

É com prazer que vemos o desenvolvimento que o Lawn-Tennis está tomando em Portugal e isso se deve em grande parte ao Sporting Club de Cascais, que tão numerosas provas tem organizado, sempre coroadas de sucesso.

Turnbull foi o vencedor dos «singles» tendo ainda ganho os «doubles» jogando com Higgs.

Verda bateu Higgs na meia-final conseguindo obter assim uma boa vitória, pois que Higgs é «internacional» inglês e jogador brilhante. Na final perdeu em três partidas contra Turnbull, mas perdeu bem pois que jogou por vezes com grande brilho. Pena é que seja tão irregular no decorrer dos seus «matches», jogando por vezes como um grande campeão mas tendo também por vezes jogadas que se não explicam.

A propósito podemos dizer que todos os nossos jogadores sofrem deste mesmo defeito, a grande irregularidade de jogo que tão prejudicial lhes é.

O moral dos nossos jogadores também deixa muito a desejar.

Tivemos ocasião de o observar ultimamente mais de uma vez e isso é quanto a nós devido sobretudo à falta de experiência de encontros contra jogadores estrangeiros. O nosso meio tennístico é pequenissimo e acontece que os jogadores de primeira categoria passam todo o ano jogando uns contra os outros, não tendo por isso a variedade de jogo que tão necessária se lhes torna em certas ocasiões. Como exemplo disto basta citar a maneira como Lester bateu Ribeiro.

Temos ainda muito que aprender, mas o que os nossos jogadores mais precisam é de jogar com cabeça. Estudar o adversário e procurar batê-lo no seu ponto fraco, isto precisam os jogadores portugueses de aprender a fazer.

Em «doubles» fomos sempre nitidamente dominados e isso não nos admirou pois que como já dissemos, em Portugal não se sabe jogar doubles. Haja em vista os nossos «scores» contra o par inglês Higgs-Lester que nos mostrou a maneira como se joga e se ganha. E contudo este par não é um par que tenha um grande valor no meio tennístico internacional.

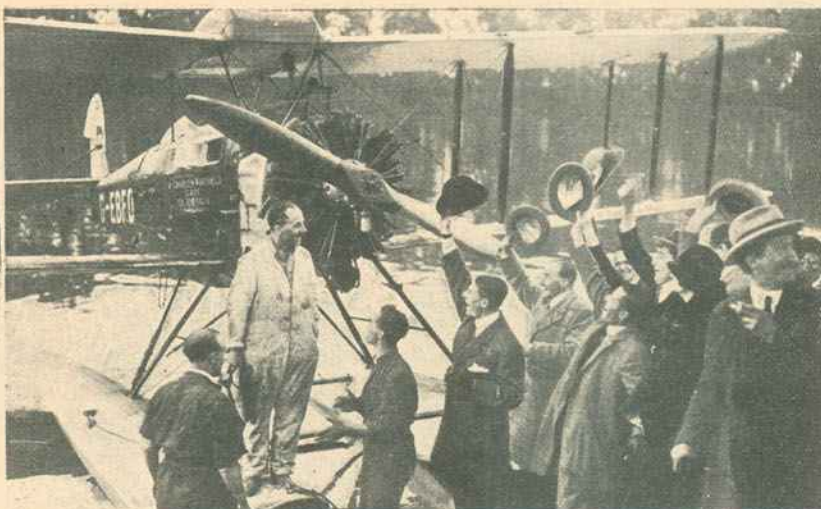


Lester e Higgs vencedores do «doubles»

O mixed-doubles foi ganho por Mrs. Shervington e Verda que bateram na final M. Atalaya e Noel Turnbull. Esta vitória foi muito facilmente obtida, devido sobretudo ao bom jogo de Verda, que tem no mixed o seu ponto forte.



Luís Margaride, montando «Whitby», vencedor de uma das corridas



Cobham e os seus mecânicos, aclamados pela multidão depois da amarração em Sartrouville. — No oval: O aviator Cobham

Turnbull não nos agradou nada neste encontro, falhando muito o «volley» e colocando-se mal no «court».

D. Angélica Plantier ganhou o «singles» de senhoras mostrando assim mais uma vez as suas excelentes qualidades de jogadora, que a tornam a primeira do nosso país.

HIPISMO

Realizaram-se em 3, 5 e 10 as corridas de cavalos da temporada de Outono, organizadas pela S. H. P. no hipódromo da Marinha.

Decorreram com pouca animação, tendo a afluência do público deixado muito a desejar.

Publicamos a fotografia da égua Whitby, propriedade do Sr. Conde de Sobral, que ganhou o prêmio «Eurico de Moraes», montada brilhantemente por Luis Margaride.

AVIAÇÃO

O aviator inglês Allan Cobham acaba de realizar a maior proeza de aviação dos últimos tempos, percorrendo cerca de 40.000 quilô-

metros, como se realizasse a viagem mais banal deste mundo.

Cobham é hoje o homem do dia, tendo tido uma chegada triunfante a Londres, onde a numerosa multidão que o esperava o aclamou com delírio.

Cobham teve de interromper a sua viagem durante uns dias, pois que quando se dirigia para Bender-Abbas, o seu piloto Eliot que lhe era muito dedicado, foi morto por um tiro misterioso.

Cobham, além de ser um piloto extraordinário, é também um distintíssimo navegador, concluindo todas as viagens que se propõe com uma grande precisão.

A regularidade dos seus vôos é pasmosa e consegue assim realizar médias diárias extraordinárias. Pode-se dizer que é hoje considerado como o piloto mais seguro do mundo, donde lhe vem o nome de «Rei do Taxi Aéreo».

ATLETISMO

O corredor francês Seraphim Martin bateu há tempos no Stadium de Colombes, o record do mundo do quilómetro. Este record foi homologado, pois que a prova foi feita oficialmente, tendo sido feita a fiscalização por quatro cronometristas, um juiz árbitro e quatro juizes de chegada.

O quilómetro foi percorrido no tempo fenomenal de 2 minutos, 26 segundos e 4/5, batendo assim o antigo record que pertencia ao sueco Lundgreen com o tempo de 2 minutos, 28 segundos e 3/5.

A prova foi feita com treinadores colocados a várias distâncias de Martin no momento da largada e que muito contribuíram para o bom êxito da prova.

O record francês do quilómetro que pertencia a Baraton foi assim batido, bem como os records dos 800 metros e dos 1500 metros que pertenciam respectivamente a Baraton e a Roger Pelé.

O novo «recordman» pertence ao Racing Club de France e tem um estôdo de grande campeão prometendo para o futuro conseguir brilhantes vitórias em encontros internacionais.

Os franceses possuem hoje com Martin, Baraton e Pelé uma equipe de grande valor para provas de meio fundo, podendo-se mesmo dizer que estes seus atletas se podem considerar como sendo os melhores da Europa.



Martin X durante a sua tentativa, 500 metros depois da partida



Feminina



Dois elegantes modelos de toilettes para passeio surpreendidos na reabertura do Longu-champ. Em baixo: Graciosa toque de veludo drapés



MODAS... MODAS!...

TERMINARAM, de momento, pelo menos, as indecisões. A linha da moda está finalmente estabelecida e é de crer que até aos meados de Janeiro permanecerá sem alteração sensível, tal como os escultores da elegância do vestuário no-la apresentam agora, bem marcada nas estonteantes soluções invernaes.

Não foi sem esforçada porfia, sem enérgica resistência a correntes múltiplas e contraditórias, que a linha da silhueta actual se fixou. Nunca, como neste alvorecer de estação, por entre a azáfama criadora dos *mé-neurs* da moda, se justificou o reparo antigo: *Cada cabeça, cada sentença...* De todos os lados irrompiam projectos de modificações da linha; enquanto uns pugnavam pelo alongamento das saias, outros porfiavam em conservá-las curtas mas rodadas e outros ainda, influenciados pela pressão moralizadora de Roma que tomou a peito refrear as ousadias da moda, opinavam por um regresso à linha comedida, discreta, recatada, alegando que estamos fartos de vêr pernas, braços e colos, de recortar crúamente, sem dificuldade e já com o enfado brotado da sociedade, as linhas plásticas de todos os corpos femininos espalhados pela superfície da Europa e ainda para além das fronteiras do velho mundo.

Foi renhida a discussão, múltiplos os alvitres reformadores, mas... de tão louvável empenho resultou que as saias continuarão curtas, acentuadamente estreitas na parte inferior... Continuaremos, portanto, a vêr pernas, muitas pernas, por pouco interesse que a exposição ofereça já... Seja, visto que a *coquetterie*, segue suplantando a razão. Depende agora da mulher inteligente, para quem a moda é um meio de se embelezar, de se prestigiar esteticamente, a correcção sensata das extravagâncias e exageros a que a moda, por desorientada, e nem sempre hábil, não con-

segue eximir-se. Usam-se as saias curtas e estreitas; mas, por Deus, senhoras que presais a estética e o bom gosto, não descubrais tão frequentemente os joelhos, não troqueis a saia pela tanga, por muito que as influências da arte africana, pesem na opinião da moda em vigor.

Mas ponhamos de parte as considerações da nossa razão sobressaltada e,— para que negá-lo, —descontente ante as tendências audaciosas da moda, e, regressando ao nosso papel de cronista incumbida de relatar o que surpreende, façamos uma breve resenha das características da elegância traçada para este inverno: Linha esguia, modelada pela das ânforas; saias curtas e muito estreitas, embora simultaneamente alguns modelos incluam umas pregas ou sobreposição de tecido destinada a facilitar os movimentos e a evitar os excessos de... indiscreção; cinturas marcadas um pouco acima da curva das ancas, as quais ficam bem desenhadas pelo corte apertado da saia ou do cinto que ali segura o *blousé* indispensável dos corpos. Estes, apresentam-se bem providos de tecido, porque a moda tem agora a preocupação de amplificar a parte superior da silhueta, obtendo assim o contraste flagrante com o estreitamento da parte inferior. Nas toilettes de noite, esta linha que se adopta principalmente para os *tailleurs* e *manteaux*, é sensivelmente alterada. Nas toilettes de cerimónia admite-se toda a fantasia; os franzidos, plissados, *drapés* e *panneaux flotants*, são largamente empregados na sua composição. Uma característica, porém, as distingue: o alongamento pronunciado das costas, obtido seja pelo efeito de tiras de tecido que pendem dos ombros, seja ainda pelo corte do decote e da orla da saia, mais descaído original do que à frente.

E mais uma originalidade, cujo efeito estético não procuraremos discutir...

Mas, tornando aos *tailleurs* e *manteaux*, o vestuário útil e prático por excelência, notemos ainda alguns pormenores estabelecidos pela última moda: Os primeiros são simples, de talhe sóbrio, marcando a linha esguia e direita, com a grande maioria das jaquetas curtas inspiradas no corte inglês. Os segundos perderam a feição masculina que nos últimos tempos os caracterizavam e são agora cortados em forma *kimono*, muito amplos na parte superior, *blousants* sobre as ancas, principalmente nas costas, descendo até um pouco abaixo dos joelhos num estreitamento pronunciado, que cinge de perto os quadris e diminui ainda para a orla.



ILUSTRAÇÃO OS ACESSÓRIOS

DA

TOILETTE

E A FANTASIA DO,

PENTEADO

O prestígio da elegância actual repousa no requinte dos pormenores da toilette. Qualquer pequeno nada, que noutros tempos seria tratado com mediocre interesse, é pretexto para que o engenho dos artistas se exteriorise em sedutoras manifestações de graça artística. A voga dos cabelos cortados, por exemplo, suprimindo as complicações dos penteados, não extinguiu, porém, antes a requintou, a arte dos mínimos acessórios indispensáveis para a composição dum lindo penteado. É assim que actualmente se inventam cousas encantadoras, primorosamente trabalhadas, que se relacionam com a arte do penteado, muito embora este, aparentemente, tenha deixado de existir.

Hoje nenhuma senhora dispensa uma pequena travessa destinada a segurar uma ma-

deixa rebelde, um minúsculo pente que na hora própria, em qualquer ocasião ou sitio, a mão leve da elegante tira do saco primoroso e passa negligentemente pelos cabelos cortados a compô-los. E como a preocupação do equilibrio do conjunto domina a moda, os artistas esmeram-se em compor interessantes *parures* (passe o termo) de objectos de toilette portáteis. Assim, a pequena travessa que ao lado segura o cabelo, o pente de dobradiça com que se alisa o penteado, o pulverizador minúsculo, e a coquete cigarreira, são trabalhados de

igual modo, devendo formar uma colecção primorosa e artisticamente equilibrada, em que os desenhos e as cores se repetem escurpulosamente. E neste campo, confessaremos que a arte capricha em nos oferecer lindas e originais cousas.

E já que abordámos o capitulo penteados, falemos das últimas fantasias da volúvel moda. Arrastada pela sua insaciabilidade imprudente, descontente já do corte dos cabelos em que a feminilidade se afirmava a despeito das audácias da tesoura, ei-la a cortar mais e mais as cabeleiras, a compor as cabeças femininas pelo modelo masculino. Principiou por descobrir as orelhas, — o que valha a verdade favorece muitos rostos encantadores e permite expor lindas conchas de nácar que a impiedade das madeixas frisadas ou dispostas em pasta, furtava ciosamente à contemplação, — repuxando os cabelos para trás à força de brilhantina. Depois, cortou-os mais, empenhada em dar à mulher um aspecto de garoto, e eis que de súbito nos surgem os cabelos cortados curtos, no geito denominado: *à inglesa*.

Não foi já sem reserva que a mulher acolheu esta forma de corte. Um prudente olhar volvido ao espelho advertiu-a de que não ficava favorecida com os seus cabelos reduzidos a tão exiguas proporções. Mas a moda, ébria de inconstância, não estava ainda satisfeita; e como, decididamente, quer espantar a humanidade, lembrou-se de repente, de fazer cortar os cabelos femininos *à la brosse!* Horror!

Que *coquetterie* feminina consentirá no corte dos cabelos em escova!

Manes da estética, onde tentará ainda arrastar-nos a ironia da moda?...



O PRAZER DOS DEUSES

MILÚ e o Amor examinaram-se dos pés à cabeça. Ela tinha dezoito anos e uma maneira inteligente de dizer as coisas menos importantes deste mundo. Ele, que representava o tipo grego da mocidade eterna, era uma estatueta de mármore italiano. Nas suas fráguas mãos justamente celebradas pela certeza e pela frequência dos golpes, segurava um arco e uma flecha.

Milú sorriu daquela arma inofensiva que já não atingia ninguém. O seu coração (palavra extremamente romântica) possuía a dureza dos metais e a elasticidade contundente das fibras, era, por assim dizer, invulnerável e devolvia as atenções dos homens como as raquetes de tennis devolvem, dando-lhes às vezes uma direcção imprevisível, às bolas felpudas e brancas que, no dia da inauguração, tem uma marca inglesa a tinta azul. Eros, o deus do Amor, parecia-lhe uma criança a brincar aos vapores com barquinhos de papel. Não seria mais natural, mais próprio da sua idade, embora menos decente, que aquele garoto nu se deixasse de ambições pre-históricas e imitasse, com maior ou menor perfeição, o «manekenpiss» de Bruxelas?

A porta entreabriu-se e o corpo esbelto de Milú, magro, cheio dum ritmo sincopado que era a mais vízível consequência da sua paixão pelo jazz-band, virou-se num rodopio para um rapaz excessivamente bem posto, no qual reconheceu, fazendo um esforço de memória, o seu décimo flirt João Manuel.

Milú deu-lhe um valente apêto de mão, atirou-lhe à cara rapada ou imberbe um cordial «como está você» (com um ligeiríssimo ponto de interrogação, não fosse o João Manuel dizer como estava) e aceitou, em troca destas duas amabilidades sem compromissos, duas oferendas de verdadeiro namorado moderno: uma caixa de Abdullas e o catálogo Bugatti para 1920. Fumou e perdeu-se logo nos encantos cilíndricos do vencedor do Grand Prêmio do A. C. F. Quando o João Manuel saiu, uma hora depois, deixando Milú absolutamente sossegada, a superioridade de Milú sobre o pequenino deus de mármore era absolutamente manifesta, como a superioridade de Carpentier sobre um paralítico.

Ao João Manuel sucederam-se, respectivamente, o Alexandre com uma boquiilha de tartaruga, o Salvador com os livros de Dekobra, o Alberto com perfumes de Coty, o José Maria com pochettes adoráveis de sêda, o Pedro com os discos do Maurice Chevalier, o Mário com as canções da Mistinguett, o Duarte com uma fotografia de Mary Pickford, o Raúl com uma boneca de trapos brilhantes, e, finalmente, o Roberto com um pedido de casamento. Milú, imperturbável, experimentou a boquiilha do Alexandre, folheou os livros do Salvador, aspirou os perfumes do Alberto, admirou as pochettes do José Maria, pôs no gramofone os discos do Pedro, trauteou as canções do Mário, apreciou a fotografia do Duarte, beijou a boneca do Raúl e, finalmente, recusou o pedido de casamento do Roberto. Depois, como este infringira as regras verbais do verbo «to flirt», onde as palavras sentimentais pertencem ao domínio da troça, Milú dispensou para sempre a colaboração cômica do Roberto. E para o substituir, para que a sua reputação de «menina dos dez»

não soffresse o mais leve abalo, Milú telefonou a uma das suas inimigas íntimas, a Zizi, que ficou de enviar-lhe, no dia seguinte, um substituto encantador. Nesse momento do dia seguinte, quando a sua figura que mostrava bem as pernas esguias se aproximou da porta, para acolher o substituto de Roberto, a superioridade de Milú sobre o pequenino deus de mármore era ainda absolutamente manifesta, como a superioridade dum transatlântico sobre um rebocador.

O substituto era um rapaz simpático mas pouco janota, inteligente mas pouco falador. Recebeu-o com uma familiaridade de amante (1830, talvez um bocadinho mais, e enquanto pregava nele uns olhos cheios de promessas limitadas, que subentendiam imensos chás dançantes, piqueniques e campeonatos de tennis com a sua beijoca nos intervalos, à sombra, (a beijoca que ela concedia em série, seriamente, a todos os seus flirts) Milú começou a notar que o substituto não obedecia às condições do seu tipo de homem civilizado, cujas qualidades essenciais se exteriorizam, actualmente, num belo par de calças largas e num chapéu mole de aba caída. O côrte do seu casaco era antigo, a sua gravata era escura, não usava penteado no cabelo, e na ocasião em que Milú, já um pouco desconfiada, falou no «garden-party» dos Benguelas, o substituto esboçou um gesto de ignorância perfeitamente deplorável. O quê, pois ele não sabia quem eram os Benguelas? Então a Zizi mandava-lhe uma criatura possidória? Milú, de raiva, esfrangalhou uma das «pochettes» do José Maria, e levada pelo seu carácter impulsivo ia talvez pronunciar uma das melhores frases do seu complicadíssimo calão (tão cómodo de empregar nos momentos difíceis) quando reparou que a voz desse homem era um instrumento de música. Um violino, uma balalaika, um piano, um harmónio, uma ukulélê, deliciosa guitarra havaiana? Seria, talvez, um instrumento ideal, reunindo isso tudo, o arco do violino, a caixa da balalaika, as teclas do piano, o fole do harmónio, as cordas da ukulélê, que deve ser tocada horizontalmente para vibrar até ao limite máximo da tristeza e da saúde. Tudo isso formava uma orquestração inédita, encantadora, e Milú, ao ouvi-la discorrer sobre temas misteriosos (em que ela mais tarde havia de reconhecer, afinal, assuntos simples mas diferentes dos seus) começava a compreender que perdera o tempo, essa divina ampulheta da vida, escutando a bárbara cacofonia dos saxofones. Então o rosto daquele homem, enviado extraordinário da Zizi, pareceu-lhe súbitamente um rosto único, um rosto incomparável, e vagamente inquieta, vagamente confusa também, mirou de esguelha o marmorezinho delicado do Amor, que de longe lhe apontava uma flecha transparente. Oh, a sua superioridade derretia-se como um sorvete ao sol!

Mas eis que a porta se abriu e entrou um rapaz tão semelhante aos seus outros flirts que Milú julgou que era um deles e, como sempre, se viu em dificuldades para saber qual deles era. O João Manuel, o Duarte, o Raúl?... Porém, ele apresentou-se.

— Venho da parte da Zizi, como você sabe.

Milú, boquiaberta, filmou um verdadeiro fi-

gurino de «papo-sêco», como se diz em Lisboa, ou de «almofadinha», como dizem os cariocas, e viu que as suas calças à americana, talvez em virtude da corrente de ar ou, mais provavelmente, por causa da sua excessiva largura, drapejavam como duas bandeiras.

Não havia que duvidar: era aquele o décimo flirt que encomendara à Zizi, fiada no seu reconhecido gosto pelas elegâncias da moda. E esse décimo flirt, substituto de Roberto, respirava todo ele um ar de insigne... baboseira. Em vez de ser um enviado extraordinário, era um enviado muitíssimo ordinário, um enviado reles. Em vez de ser o que o outro era, por exemplo... Ah, mas quem era o outro, que ela acolhera logo de entrada com um olhar intoxicado de chás-dançantes?

Como não podia, sem crime de lesa-independência, interrogar o pseudo-enviado na presença do verdadeiro, limitou-se a dizer ao último quanto lhe apeteceu passear de automóvel aos solavancos (que é, segundo creio, a única maneira de passear de automóvel em Portugal). O enviado da Zizi saiu na ondulação perpétua das suas calças, em busca dum palavra só, a palavra «livre», que usam os taxímetros e os W. C.

O outro nem fez um movimento. A sua fisionomia estava bastante queimada, como se habitasse, durante todo o ano, na Praia das Maçãs. Milú tornou-se reservada e fria, meteu-se dentro de si própria como um caracol. Então o outro, esse homem estranho cuja voz era um instrumento ideal de música, levantou-se justamente embatucado, estendeu-lhe a mão, pulada como um crânio dum bebé, e deu-lhe saudades para a tia Leonarda. Nesta ocasião Milú descobriu que Leonarda era o nome de sua mãe (que não o usava por snobismo) e, ao mesmo tempo, qualquer coisa de familiar na fisionomia do outro. E como a instituição venerável da família é ainda a base das grandes resoluções e a chave dos grandes problemas, Milú interrogou:

— Mas, afinal de contas, o senhor quem é?—

Ele pestanejou. Não esperava, visivelmente, este inquérito policial depois dum conversa tão íntima. Pestanejou mas sorriu. E sorrindo, guiado por um incompreensível conhecimento dos lugares comuns da saleta de Milú (o lugar dos livros, o lugar do papel de cartas e o lugar do album de fotografias) dirigiu-se para este último, folheou-o e apontou, com o index, um garoto vestido à marinheira, ao lado dum garoto de tranças. A garota era ela, Milú. O garoto era ele, Jorge. Houve um grito de espanto em que entrava uma suspeita de contentamento. Houve uma gargalhada, franca, de alegria. Milú saltou ao pescoço do primo Jorge, com quem, há muitos anos, jogava à pancada no jardim da Estrela e que voltava agora de Lourenço Marques. Por isso ele estava queimado como uma camisa engomada sem atenção ou como os ciganos que lêem a sina na palma da gente! Por isso... O seu coração, duro e elástico, teve um começo de hipertrofia. Sentiu a dor dum ferida e deitou sangue. Milú não ligou importância e continuou no pescoço de Jorge com uma ternura deliciada, à qual a instituição da família não servia já de desculpa. Porém, quando, ao reconduzir o Jorge até à porta da rua, passou rés-vés do pequenino deus de mármore italiano, Milú estremeceu e compreendeu, além da verdade, que a vingança é ainda hoje o supremo prazer dos deuses. Eros tinha nas fráguas mãos, em vez do arco e da flecha, uma metralhadora!

PAÇO DE SINTRA

No fundo adormecido do burgo senhoril, como uma jóia estranha, esfumando no nevoeiro o seu perfil de lenda, surge o palácio — Alhambra gentil unida à graça delicada do pensamento cristão. Cercam-no massiços fartos de verdura espessa e os seus telhados desiguais, de conjunto todavia tão harmonioso, afirmam na irregularidade da silhueta a influência mudável de idades apartadas da nossa existência secular.

Erguem-se-lhe em frente os contrafortes esbeltos da serra, coroada pelas ameias mouriscas, guardando como águia prisioneira a fantasia alada do Castelo da Pena...

E as suas janelas azulejadas — olhos saudáveis de moiro cativo — fitam de longe a fita azulada do mar, que é para elle, lá no fundo da planície razeira, a visão obcecante da liberdade inatingível...

Paço de Sintra, sonho de séculos, fantasma de outonos e penumbras, em cada uma das suas salas há uma página de história, em cada uma das suas pedras canta uma estrófe de saudade.

Habitaram-no outrora os walis muçulmanos que a elle desciam do castelo fronteiro, a descansar das suas lides guerreiras. Então havia cravos sangrentos nos jardinzinhos suspensos, azulejos gritantes em terraços aéreos, e cantavam fontes no segrêdo dos pátios recolhidos; e a voz do Muezzin no terço de Meca invocava, dolente, o nome profético de Allah nesta terra heroica de cristãos.

Mas secaram as fontes, murcharam os cravos, gastaram-se os azulejos; e as moiras que lá ficaram encantadas, lembrando, saudosas, a pátria distante, deslizam como sombras pelos longos corredores, pelos pátios calados, pelas salas desertas e veem sentar-se ainda hoje à beirinha das fontes, chorando à claridade lírica do luar as máguas tristes do seu triste fado...

Fugiram os reis moiros dêsse alcáçar de maravilha e os reis cristãos elegeram-no para lugar de repouso, para retiro de sonho. E há em todos os cantos lembranças dispersas, traços indelévels da sua passagem.

Insensíveis ao tempo, repetem as pègas da lenda no tecto duma sala as palavras subteis dum rei cavaleiro, eternizando uma intriga palaciana e galante; e os cisnes airosos, com gorjal de veludo, recordam na outra as saúdes duma infantazinha de Portugal, levada para longe do rei seu pai pelos acasos do casamento...

Nessa mesma Sala dos Cisnes esvairam-se há muito os egos fanados dos serões manuelinos, com autos de Gil Vicente, trovas de Crisfal e ditos agudos de truões e chocarreiros.

Nela se agitaram as almas peregrinas de Paula Vicente, Luísa Siggêa, a Infanta D. Maria e

tôdas as que fôram as musas bemfadadas dos versos vernáculos dos quinhentistas.

Pelos longos corredores vagueou a figura de tragédia de D. Sebastião — sombra medieval em plena Renascença — sonhando o seu delírio alto de grandezas.

E os passos solitários de Afonso VI gastaram lá em cima os ladrilhos do quarto onde se escoaram vagarosamente os tristes nove anos do seu cativo triste...

Como o perfume evocador de flores já sêcas, esvoaça no ambiente a recordação macerada dos serenins faustosos do século XVIII. E vive ainda no coração de muitos a lembrança luminosa dos dias de sol da Monarquia.

Depois, é o crepúsculo trágico em que uma velha rainha, santificada pelo martírio, passa como uma sombra pelas salas do grande alcáçar, misturando com as visões incertas da sua razão já vacilante, a lembrança do filho e do neto que lhe assassinaram...

Vultos esparsos, vozes apagadas como tudo à nossa volta se ergue a perpetuar no silêncio das coisas as memórias de tudo o que lá vai...

Na Sala dos Arceiros, vestidos de ferro até aos dentes, esperam em vão os guerreiros de outras eras, a hora decorrida há muito já, das justas e torneios que passaram...

A sala de banho que outrora abriu sobre os corpos morenos das favoritas dos walis os fios de água fresca do seu crivo, é hoje um retiro triste onde se desfolha a flor da solidão...

E o lago onde cantaram águas rumorosas e onde vogaram — caravelas aladas do silêncio — os cisnes brancos dos sonhos enluarados das princesas de Portugal, lembra hoje, assim já sêco, a bôca escancarada dum túmulo, onde nunca tivesse passado a vida...

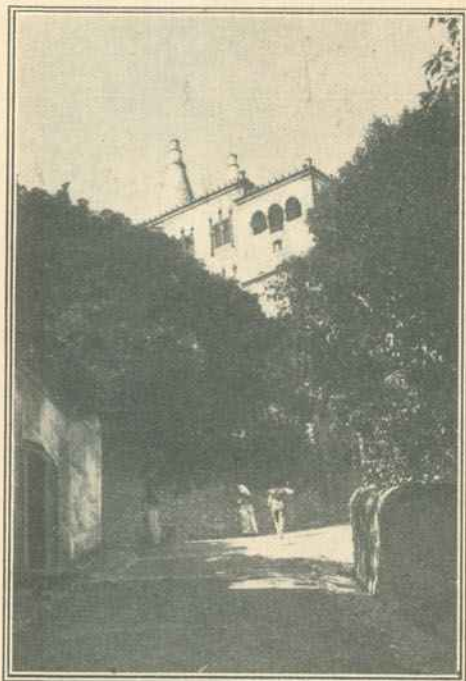
Tantos esplendores, tantas grandezas mortas por ali passaram e floriram, tantos clarões foram irradiados de almas que ali sonharam e sofreram, sepultando os seus estos e langores no mistério daquelas salas desertas, onde o silêncio canta hoje a estrofe do abandono e da saudade!...

E somente a recordação, tímida efflorescência do passado, ali vive na nossa era banal, para contar ao nosso século a história dos séculos que morreram.

Paço de Sintra, palco de tradições, epopeia

de saúdes, quantas vidas ali nasceram e se apagaram, quantas nele deixaram rastros indelêveis que o tempo pouco a pouco foi desvanecendo...

Mas essas vidas extintas arfam ainda sob os silêncios frios das fontes sêcas, dos salões fechados, dos corredores desertos, vibrando e



TRECHO DO VELHO PAÇO, COM SUAS TÍPICAS CHAMINÉES CÔNICAS E COM ALGUNS ELEGANTES «AJIMECES» (JANELAS GEMINADAS), EMERGINDO DAS VERDES SOMBRAS QUE ABRIGAM O SINUOSO CAMINHO QUE LÁ CONDUZ

[Cliché de Alfredo Pinto (Sacavém)]

palpitando com aquele estranho poder de eternização que as grandes vidas deixaram sempre atrás de si como um protesto final contra o mistério obscuro da morte.

E na dormência parada do ambiente sente-se florindo da sombra misteriosa do passado qualquer palavra mágica que através das idades ficou por pronunciar e que anda pairando no ar, suspensa talvez ainda dos lábios invisíveis das almas que por ali passaram...

Paço de Sintra, alcáçar do silêncio onde a asa do Tempo se esqueceu a memorar, teatro da minha infantil admiração, eu te bem-quero e te acarinho sempre pelo que de grande representas na História da minha Pátria, pelo que de ternura te liga à história da minha vida.

OLIVA GUERRA.

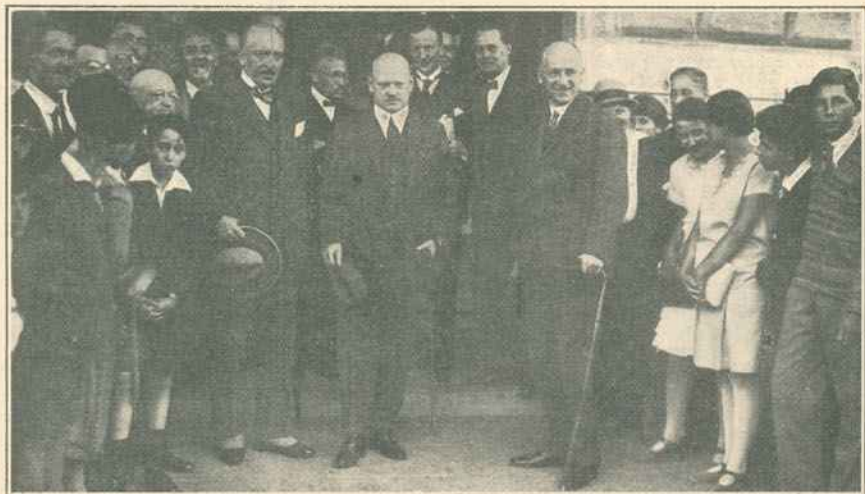


PARIS. — No primeiro dia de compra, pelo Banco de França, de moedas de ouro e de prata, medida esta que faz parte do plano financeiro do actual governo francês: um grupo de possuidores do precioso metal, movidos não menos por patriotismo do que pelo apreciável ágio da operação, esperando a abertura dos guichets



PARIS. — O último automóvel que fez serviço na batalha do Marne, considerado, portanto, relíquia da grande guerra: a Liga dos Combatentes Franceses, a título de gentileza para com os seus antigos irmãos de armas e recordando esses dias de angústia e de glória fraternalmente compartilhados pelos dois povos, acaba de enviá-lo aos Combatentes Americanos. O seu *chauffeur* foi também portador de uma eloquente mensagem escrita pelo Marechal Foch, e é a entrega desta, efectuada por Mr. Volvez, secretário geral do Comité da Liga dos Antigos Combatentes Franceses, que se observa na nossa gravura

GENEVA. — Um eco da última assembleia da Sociedade das Nações, cujo facto culminante foi a investidura da Alemanha num dos seus lugares: os três *feiteiros*, ou, seja os três delegados da grande república d'além-Reno, que tiveram a suprema habilidade de converter os naturais ressentimentos da sua tradicional inimiga, a França, na mais benévola das expectativas, base dum acôrdo franco-germânico dia a dia mais esperançoso. A gravura representa a delegação alemã à saída do hotel em que estava alojada e sendo o objecto da curiosidade da boa gente genebrina





SALGADO—Amor e Psyché

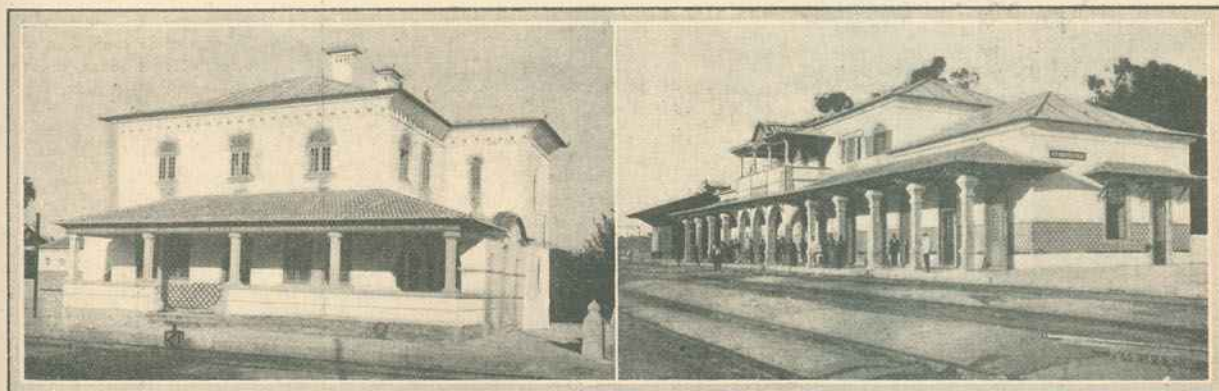
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

ILUSTRAÇÃO
 PORTUGAL
 D'AQUEM E
 D'ALEM-MAR
 FACTOS E FIGURAS



Mocimbuque — Grupo tirado no casamento da sr.^a D. Maria Flora Henriques de Sousa e Brito, gentil filha da sr.^a D. Alice H. de Sousa e Brito e do sr. Bernardo J. de Sousa e Brito, com o sr. Henrique Augusto da Silva Rodrigues, funcionário superior da agência do Banco Nacional Ultramarino

naquela cidade. A cerimónia, celebrada na Sê em 25 de Julho último, assistiram, entre outras pessoas de relevo na colónia, os srs.: governador do Distrito, dr. Piedade Rebelo, tenente-coronel José A. da Cunha, dr. António Roquette, capitão Pinho Ferreira, Delfim Cordeiro Peru, José Augusto de Moraes Caupers, dr. Costa Júnior, Carlos Rodrigues, António Rosa Cabral, Mário Sales Nunes e João José da Silva com suas esposas; e comandante Barahona, Jorge Cabedo (Zambujal), tenentes João Aires da Silva e João Amado da Cunha e Vasconcelos; etc.



As novas instalações, verdadeiramente modelares, da estação fronteiriça de Marvão e do Restaurant-Hotel (representado na gravura da esquerda) anexo à mesma. Estas obras, efectuadas segundo o projecto do distinto architecto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, sr. Perfeito de Magalhães, representam uma grande melhoria tanto para o pessoal que serve naquele importante ponto de tráfego internacional como para o próprio público (Clichés de Ferrugento Gonçalves.)

No «Bom-Jesus do Montes», em Braga: momentos antes do banquete ali oferecido em 12 de Setembro findo ao antigo deputado sr. Artur Brandão por um numeroso núcleo de correligionários e amigos seus. Ao centro do grupo vê-se o sr. Cunha Leal, tendo à sua direita a figura política a quem foi prestada esta significativa homenagem

(Clichê de João Guimarães—Braga)



CINEMATOGRAFIA



Lorena cresceu na selva, radiante de beleza selvática

tripulação e todos os passageiros, excepto a pequena Lorena e alguns animais da colecção, entre elles o gorila Bimbi, o elefante e alguns leões domesticados que conseguiram ficar sobre uma parte do navio que se desligou do casco e sobrenadou. Esta pequena arca de Noé arribou milagrosamente a uma ilha onde a criança fica abandonada à sua sorte e aos cuidados de Bimbi que por ela sente um afecto quasi humano. Assim decorrem doze anos, durante os quais a criança se converte numa linda rapariga a quem o gorila protege e vigia cuidadosamente. Entretanto, o avô que esgotara infructuosamente todos os meios ao seu alcance para obter mais detalhes do terrível naufrágio que soubera por um lacónico telegrama dos jornais, julga uma noite, num sonho tormentoso, ver sua neta e ouvir a sua voz angelical que lhe pedia amparo e protecção. A partir desse instante domina-o o sentimento de que sua neta é viva e redobra os seus esforços para confirmar as suas suspeitas e descobrir o paradeiro da pobre netinha. Consagra-se assim ao estudo das sciencias occultas e vem a conhecer um jovem inglês de nome Mac, teósofo de grande sciencia que o ajuda nas suas experiencias telepáticas que lhes fornecem uma vaga orientação. Isso basta ao opulento americano para organizar uma expedição modelar cujo resultado não pode ser mais satisfatório

pois, apesar das infâmias e traições dum seu sobrinho que, a não ser encontrada a netinha Lorena, herdaria os seus milhões, não tardam em descobrir a ilha perdida onde a pobre rapariga vive. Desorientado com o facto de se encontrar a herdeira, o ambicioso primo decide desfazer-se dela ao que Mac se opõe. Luta desesperadamente e o jovem teósofo inglês vai succumbir mas o gorila, a quem a intelligencia e o instinto fizeram compreender qual daqueles homens quer mal à sua protegida, despedaça entre as garras o infame traidor, salvando Mac. Voltam todos a São Francisco e Mac dedica-se à tarefa de civilizar aquella verdadeira beleza selvagem que é Lorena mas sente que nasce nêle um verdadeiro amor pela linda herdeira que lhe retribui com um purissimo amor sem limites. Então o gorila Bimbi, com a sua privilegiada intelligencia vê que lhe querem roubar a mulher a quem protegeu a vida e a quem dedicou todos os affectos obscuros da sua alma de irracional. Tenta reagir mas vê que perdeu para sempre a sua dona querida e então, numa explosão de desespero quasi humano, lança-se dum torre, esmigalhando-se no solo, num suicidio romântico como dum amoroso desiludido. E então Mac e Lorena unem as suas vidas para todo o sempre. — (Produção Universal Films).

■ ■ ■

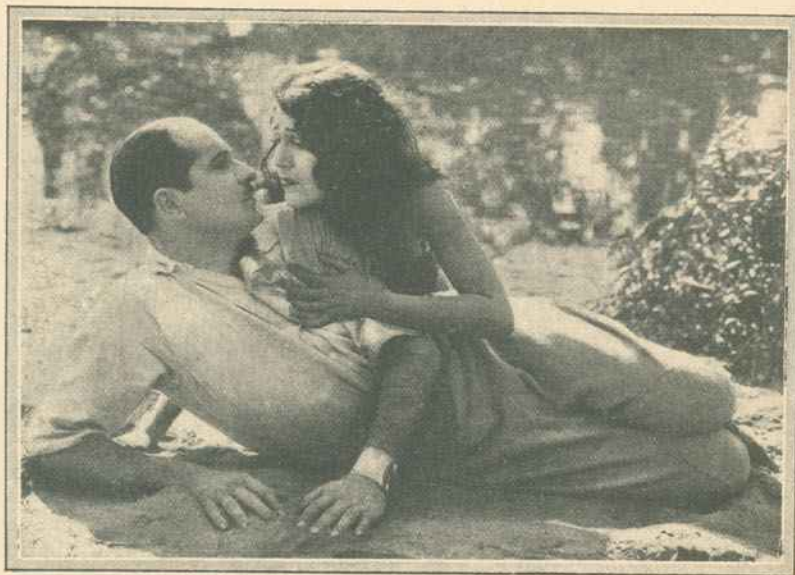
Cecil de Mille, um dos génios da cinegrafia, começou solenemente a realização do seu monumental filme sobre Jesus, intitulado «O Rei dos Reis». Assistiram ao acto mais de trezentos sacerdotes das igrejas católica, protestante, budista, mohometana e israelita. Interpretam este gigantesco filme que só deve estar prontos em meados de 1927 os seguintes «star»: H. B. Warner (Cristo), Joseph Schildkraut (Judas), Jaqueline Logan (Maria Madalena), Ernesto Torrence (Pedro), Victor Varkoni (Poncio Pilatos)

AS JOIAS DA CINEMATOGRAFIA

«A MULHER E A FERA»

Lorena (Patsy Ruth Miller), Mac (Norman Kerry), Bimbi (O gorila Tarran)

O filho dum opulento milionário americano, apaixonado por uma artista de circo, casa com ela sem conhecimento do pai. Este, homem voluntarioso e áspero, desherda o filho que, para viver, se incorpora na companhia ambulante de que sua mulher faz parte. O amor imenso que os une deu-lhes uma filha, a pequenina Lorena. A fortuna sorri à aventureira familia e chegam a ser proprietários dum grande circo em que há uma colecção portentosa de feras, com as quais até a pequenina Lorena executa maravilhosos trabalhos. A energia com que o valente rapaz encarou a vida, comove o velho milionário que lhe escreve para a Austrália, onde o circo funciona nessa ocasião, pedindo-lhe que volte à América para que elle, curado do seu orgulho, possa beijar a sua netinha. Empreendem a viagem transportando a sua colecção de feras, mas o navio é engulido pelas ondas temerosas durante um cyclone e perece a

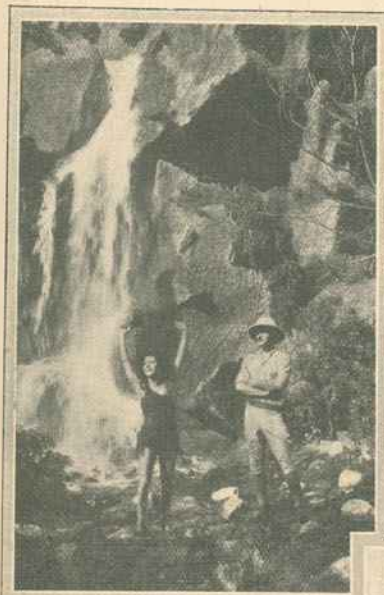


Extenuado pela luta sustentada viu que Lorena se acercava d'ele.

e Rudolph Schildkraut (Caifás, grande rabino). Coisa curiosa, a Virgem Maria e José não se encontram na distribuição pois talvez nem intervenham na acção que dizem ser bizarramente delineada com uma nova interpretação dos textos sagrados.

■ ■ ■

O brasileiro Alberto Cavalcanti, um dos grandes triunfadores do cinema francês, decorador em «O defunto Pascal» e outros filmes de L'Herbier e encenador do «Train sans yeux» de Luis Delluc, começou a realizar o seu filme expressionista «Heures». A parte dramática é exigua, sendo o atractivo principal o fazer-se um ensaio de *cinema puro* ou seja a beleza dos objectos, das imagens e da luz, mas no entanto participará do filme as vedetas Philippe Heriat, Clifford Mac Laglen e Nina Chouvalova.



Em plena natureza bravia começou o explorador a adorar Lorena

Charlie Murray, o grande actor característico, guiando um paciente gerico montado por Sally O'Neil e os pequenitos das comédias «Our Gang»

■ ■ ■

Gaston Ravel vai dirigir para a «Societé des Cine-romans» uma nova versão de «A vida dum rapaz pobre» de Otávio Feuillet. Os principais papéis serão entregues a Susy Vernon (Margarida Laroque), Wladimiro Gaidarow (Maximo Odior), Adolfo Engers (Bévalan), Suzana Munte (Senhora Laroque) e Maly Delscheft (Menina Héloin). Esta distribuição reúne duas artistas francesas, uma alemã, um polaco e um holandês.

■ ■ ■

Alcançou um grande sucesso no Cinema Condes o filme «O bicho da Serra de Sintra» pochade pirandelliana de João de Sousa Fonseca nosso colaborador e encenador de merecimento.



Uma bela fotografia do recente documentário da viagem do «Norges» às regiões polares.



UM LATINO NA «CINELÂNDIA»

ENCONTREI-O na modesta pensão-hotel onde me instalara por recomendação do amigo a quem devia toda a enorme bagagem de cartas de recomendação que transportara à Califórnia. Era um rapaz alto, muito esbelto, com o seu quê de feminino no andar cadenciado e um rosto moreno, enxuto de carnes, olhos negros profundíssimos, levemente raiados de sangue, olhos de fascinador de serpentes ou mulheres. No meio da frieza álgida, característica das faces dos americanos de raça apurada, os meus olhos meio desorientados destacaram aquele caixa silencioso e meditativo, lidando com os livros de registo com uma melancólica gravidade, de mãos melancólicas e gravata exuberante, exageradamente bonita, exageradamente coqueta. Quando abriu o livro de registo de hóspedes diante de mim, olhei-o rapidamente e como que um fluido que emanava daqueles grandes olhos, perdidos na face morena, insensivelmente, me fez estremecer de saudades da longuica Europa e das doces falas latinas tão diferentes daquele gargarejo anglo-saxão em que toda a gente teimava em se me dirigir como que numa zombaria dos meus parcos e molengos «yes» e do atrapalhado «thank you» que resmojava a todos os momentos.

Quando a minha mão traçou firmemente no livro a nacionalidade de que me orgulhava quioscamente no país do dólar, os olhos negros do caixa abriram-se com alegria, entre os lábios assomaram-lhe os dentes incrivelmente brancos e grandes e fortes como os dum fera:

— O senhor é de Espanha?!... Tenho parentes na sua cidade, em Portugal!

Olhei com odio o caixa, ignorante de geografia e que assim vexava terrivelmente a minha vaidade de português valente e disparei-lhe quatro pragas que deviam deixar o nosso pavilhão bem colocado internacionalmente se o diabo do moço pudesse compreendê-las à letra. Depois, severamente passei-lhe uma forte reprimenda numa salada de línguas em que a conflagração hispano-galo-lusa foi uma dolorosa realidade. O caixa olhava-me com os seus grandes olhos raiados de sangue em que perpassava a espaços um claro assassino mas o espinhaço curvou-se-lhe e balbuciou desculpas dum corteza completa. No entanto, dois dias depois eram os meus amigos quasi. O meu precário inglês precisava das suas verdadeiras habilidades de poliglotta encartado e o italiano, depois que me ouviu dizer que vinha à Cinelândia com cartas para entrar nos estudos cinematográficos, cumulou-me de atenções, de verdadeiros mimos, e uma noite, obsequiando-me com um Whisky de suspeita origem e que trouxe escondido até ao meu quarto, impingiu-me a sua história completa... até à data em que falava com grandes gestos e numa constante preocupação de atitudes elegantes que contrastavam grandemente com a frotiote desbotada mas de corte exagerado e com o grande lenço multicôr, caído do bolso numa grande ponta, pelo peito abaixo.

— Chamo-me Rafael Guglielmi e nasci há vinte e sete anos em Génova. Meu pai era médico militar e minha mãe, Valentina d'Antonguella, morta quando eu tinha cinco anos apenas, deixou fama dum das mais puras belezas da nossa cidade. Sem mãe, cresci como me foi possível, ao Deus dará, um pouco abandonado por meu pai, que não podia dedicar-me grandes atenções, absorvido como estava sempre pelos seus afazeres profissionais.

Entre mais tarde numa escola de agricultura e logo me seduziu o aspecto mais artístico do meu curso, aquele que dizia respeito ao desenho de jardins e à jardinagem. Também os meus ócios eram absorvidos por outras paixões, a paixão da aventura e a paixão das viagens. Insensivelmente, irresistivelmente, fatalmente, era arrastado ao cinema onde me emocionavam tanto as contorsões macabras e risíveis da Lyda Borelli, a divina Borelli como, nessa época de ouro do cinema italiano, todos lhe chamavam, como os filmes naturais, os aspectos do mundo exóticos para os meus olhos contemplativos de italiano puro, misto de *lazzaroni* e *artista*.

Quando apareceram os primeiros filmes americanos, filmes de ar livre, filmes da pradaria,

onde a audácia e dureza na procura da vida fabricavam milionários dum momento para o outro, a rota da minha vida traçou-se imediatamente. Iria à grande América onde, por força, havia de vencer como aqueles vaqueiros rápidos e valentes que apareciam nos filmes da Vitagraph. No paquete que me transportou a Providence, numa terceira classe imunda principiaram os meus entusiasmos a esfriar. Mas eu ainda sonhava por vezes em magníficos jardins desenhados por mim para Reis burgueses da terra do dinheiro e via-me como rei também, monarca das flores passando por escalinhas de maravilha, reproduções dos palácios e «vilas» italianas, chocalhando na algibeira, gosadamente, punhados de guinões loirinhos, a rir. Aqui estou agora, meu amigo. O que foi a minha vida até hoje, só eu o sei. Ninguém quis jardins desenhados, ninguém se preocupou a discutir a utilidade dos meus estudos sobre os contrastes das begônias e das hortênsias, ninguém me tomou a sério. Nesta grande pátria da insensibilidade perdia-se toda a minha ânsia do belo. Quis ser vaqueiro, mas disseram-me que os «ranchos» eram utopias cinematográficas e os *cow-boy* estavam todos em Los Angeles, na Cinelândia, contratados para as fitas. Passei fome e fiz... tudo o que fosse preciso para ganhar o pão. Conheci as tristes tarefas dos cais, dos entrepostos, as noites passadas ao relento, a tortura de passar seis horas em pé, sobre a neve, numa bicha interminável, para obter a chavena de café gratuita do filantrópico senhor Pierpont Morgan. Quando a minha vontade não fraquejou então, sinto que nunca fraquejará e que hei de ainda vencer. Pouco depois, houve uma aberta na minha vida. Fui criado de restaurante. Comia e conseguia reunir alguns centimos. Avido de disfrutar algum prazer, de novo fui aos cinemas. Vi então as grandes obras de arte dos cineastas americanos e voltou-me o entusiasmo. Agora desejava ser actor, carpinteiro, de decorações, que sei eu, qualquer coisa dentro dum studio, alguém que ajudasse, com um mínimo esforço que fosse, a erguer aquelas coisas tão belas que me comoviam tão profundamente. Suportei à minha cruz com estoicismo, suportando todas as privações, para me poder trasladar à Califórnia. Basta dizer-lhe que, durante dois anos, não me foi possível saber o que era usar um fato todo da mesma fazenda. Calças pretas, casaco cizento, colete amarelo ou calças cinzentas, casaco amarelo, colete preto, consoante a generosidade do maître d'hotel, do *barman* do lado ou do freguês da mesa sete!...

Mas por fim vim para aqui. Trabalho neste hotel durante o dia e parte da noite e depois, de madrugada, envergo um smoking que consegui com muito esforço e sou bailarino aí num dancing clandestino. Hei de levá-lo lá uma noite destas!... Verá! Está-se bem. Conheço lá todas as raparigas e hei de apresentá-lo... Pelam-se por um latino como nós!... Não sei que nos acham... mas...

— Obrigado!... Deito-me cedo! — confessei modestamente.

— Não importa!... Ha de ir uma vez e também, em troca, vou-lhe pedir um favor.

— Diga... — se for possível — disse sem entusiasmo apalpando instintivamente a bolsa parca e enfezada.

— Sei que vem à Cinelândia por causa de cinematografia... estudar... Entra nos estudos... bem sei...

— Sim... e depois?!

— Eu... assim como assim, já quasi desanimava de vir a ser qualquer coisa dentro dum studio, de trabalhar para os filmes mas se o meu amigo quiser ajudar-me talvez...

— Eu sei... — disse eu logo numa evasiva.

— Tenho pouca influência mas... enfim posso falar.

— Era favor! Eu todos os dias, à hora do lanche, vou fazer a peregrinação dos studios, mas não tenho sorte... não me querem... e depois também é a hora deles lançarem... calha assim!... Se não puder ser, paciência... continuo no cabaret... Ha de lá ir comigo, apesar de tudo! Verá!...



Não fui ao cabaret e não recomendei Rafael Guglielmi. O meu parco dinheiro gastei, fiz rumo à Europa. Depois disto, no meu arquivo de recordações há duas daquele latino falido em plena Cinelândia. Uma é uma carta que recebi em Paris. Recorro um período interessante:

«...e parece-me que desta vez entro num studio. Foi um hóspede cá do hotel, um compatriota seu, creio, que escreve romances e se chama Blasco Ibañez, salvo erro, que me ofereceu um pequeno contracto. Estou quasi contente e digo quasi porque se, na verdade, ganho vinte e cinco dolares por semana e tenho alfaiate de graça, também é verdade que me fazem mudar de nome, o que é bem massador. Depois de muitas conferências com outro cavalheiro, o senhor Blasco disse-me que eu passava a chamar-me... Rudolfo Valentino!... Veja que massada...»

O petulante italiano continuava ainda a misturar barbaramente as nações da península como quem matiza fatos incompletos dados pelo barman e pelo freguez da mesa sete!... Calça preta, colete amarelo, cidade de Portugal nação hespanhola, Blasco Ibañez lisboeta... etc... O outro documento é recente e... telegraficamente eloquente.

Nova York 26 — Nos funerais do célebre actor cinematográfico Rudolfo Valentino, incorporaram-se mais de trezentos automóveis sendo o cortejo aguardado junto da igreja de São Malachi por mais de oitocentas mil pessoas. Mais de trezentas senhoras perderam os sentidos. Uma delegação da colónia italiana depoz sobre o túmulo uma palma tendo a seguinte inscrição: «A Rudolfo Valentino, homenagem de Benito Mussolini». (Especial).

Sic transit gloria mundi.

JOÃO DE SOUSA FONSECA.



A CASA PORTUGUESA



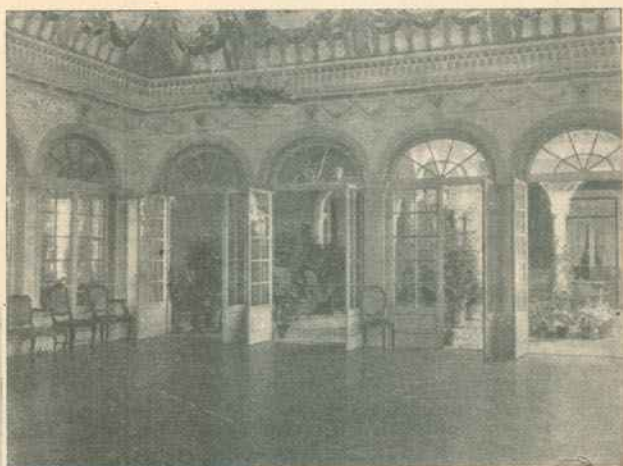
A CASA DOS PENEDOS SINTRA

PROPRIEDADE DO SR. CARLOS MACHADO RIBEIRO FERREIRA

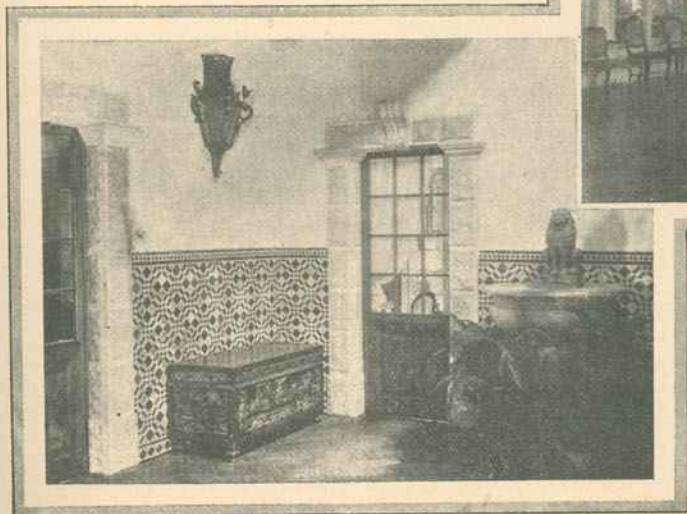


DO TECTO PINTADO DO ÁTRIO PENDE A GRANDE LANTERNA DE LATÃO RECORTADO E MOLDADO, CUJAS PARTES RELUZENTES REFLECTEM O TOM CARDINALÍCIO DAS CORTINAS DE TAFETÁ CARMESIM E FOLHOS ROXOS

NA SALA DE JANTAR, O MÁRMORE POLIDO TEM AS CORES DO OIRO E DO MARFIM; AS PAREDES REPRESENTAM UMA SELVA EXÓTICA DE FRONDES BRONZEADAS; O PAVIMENTO É DE GRANDES LAGES DE EXTREMOZ; TECTO, PORTAS E MOBÍLIA SÃO DE CASTANHO ENCERADO. DESTA CONJUNTO SOBRESAI COMO JOIA UM PRECIOSO LUSTRE ANTIGO



O PAVILHÃO DE FESTAS É DE ARCARIA EM TODA A VOLTA; COMUNICA COM O CLAUSTRO, COM O GRANDE TERRAÇO E COM O DAIÇÃO SOBRE O TANQUE DOS CISNES. O TECTO ABAULADO É PINTADO A FRESCO E DECORADO ALEGREMENTE COM GRINALDAS E PAVÕES



O ÁTRIO DE ENTRADA É DE ESTILO MUITO SINTRENSE. O ESMALTE VERDE-BRANCO DOS AZULEJOS E A FONTE DE MÁRMORE ANIMAM A FRESCA PENUMBRA

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

(Continuação do n.º 19)

A criança afastou-se a cantar, seguindo o curso do riacho e procurando misturar uma cadência mais alegre com a voz melancólica das águas. Mas o ribeirinho não se deixava consolar, e continuava cantando o seu ininteligível segrêdo de algum mistério tristíssimo que acontecera — ou fazendo lamento profético de alguma cousa que ia acontecer — a dentro da pavorosa floresta. Por isso Pearl, que tinha sombra bastante em sua pequena vida, decidiu cortar relações com esse riacho lamentoso. Entregou-se, portanto, a colher violetas e anêmonas bravas, e umas columbinas vermelhas, que encontrou nas cavidades de um grande rochedo.

Quando a estranha criança se afastou, Hester Prynne deu dois ou três passos em direcção ao atalho que atravessava a floresta, mas não saiu da profunda sombra das árvores. Viu o padre vir pelo atalho fora, sozinho, e apoiando-se a um bordão que havia cortado no caminho. Vinha desfigurado e abatido, e revelava no aspecto desânimo profundo, como nunca até este ponto mostrara em seus passeios pela parte povoada da colónia, nem em qualquer outro lugar onde se tivesse por sujeito a observação. Deploravelmente se via aqui esse desfalecimento, na solidão intensa da floresta, que já de si bastaria para pôr à prova o ânimo de um viandante. Seu andar era descuidado, como se ele não visse razão para dar mais um passo, nem sentisse o menor desejo de o dar, mas, ao contrário, tivesse vontade, se de alguma cousa a tivesse, de se deitar ao pé da primeira árvore, e se deixar ali ficar inerte, para sempre. Poderiam as folhas cobri-lo, e a terra, acumulando-se pouco a pouco, formar um montículo sobre o seu corpo, houvesse ou não vida nêle. A morte era cousa por demais definida, para que ele a pudesse desejar ou evitar.

Aos olhos de Hester, o reverendo sr. Dimmesdale não mostrava sintoma algum de sofrimento positivo e manifesto, a não ser que, como o havia notado Pearl, trazia a mão sobre o coração.

XVII

O PADRE E A SUA PAROQUIANA

Por devagar que o padre caminhasse, ia já passando adiante, sem que Hester encontrasse voz suficiente para lhe chamar a atenção. Por fim conseguiu-o.

— Arthur Dimmesdale — disse ela, primeiro

numa voz apagada; e depois mais alto, mas num tom rouco — Arthur Dimmesdale!

— Quem me chama? — respondeu o padre.

Fazendo rapidamente um esforço sobre si, ergueu mais o corpo, como homem tomado de surpresa numa atitude em que não quisesa que o vissem. Lançando o olhar ansioso na direcção da voz, viu indistintamente uma forma debaixo das árvores, vestida de roupa tão escura, e destacando-se tão pouco do crepúsculo cinzento com que o céu nublado e a folhagem abundante haviam escurecido a tarde, que não sabia se era mulher ou sombra. Porventura em seu caminho através da vida lhe aparecia assim muitas vezes um espectro que inadvertidamente se desprendia de seus pensamentos.

Deu mais um passo e viu a letra encarnada.

— Hester! Hester Prynne! — disse elle; — és tu? Estás viva?

— Estou — respondeu ela. — Com aquella vida que tem sido a minha nestes últimos sete anos! E tu, Arthur Dimmesdale, tu ainda vives?

Não era de admirar que assim duvidasse cada um da existência real e corpórea do outro, e até da sua própria. Tão estranhamente se encontravam, na floresta sombria, que era como o primeiro encontro, no mundo para além da campa, de dois espíritos que houvessem estado intimamente ligados em sua primeira vida, mas agora tremessem friamente de mútuo pavor, não habituados ainda a seu novo estado, nem costumados à convivência de seres incorpóreos. Era cada um dêles um espectro, e pasmava do outro espectro! Pasmavam também de si mesmos; porque a crise lhes restituía a consciência; e a cada coração revelava o passado, como a vida nunca faz, a não ser nestes momentos de ansiedade. A alma via a suas feições no espelho do momento que fugia. Foi a mêdo e tremendo, e, por assim dizer, por uma necessidade lenta e relutante, que Arthur Dimmesdale estendeu a mão, gélida como a morte, e tocou a mão gélida de Hester Prynne. O contacto das mãos, frio como era, apagou logo o maior pavor do encontro. Ao menos já se sentiam habitantes do mesmo planeta.

Sem dizerem mais uma palavra — nem elle guiando, nem ela, mas em inexpresso acôrdo, voltaram para a sombra da floresta, donde Hester havia saído, e sentaram-se no monte de musgo onde ela e Pearl pouco antes tinham estado sentadas. Quando encontraram voz para falar, foi, a principio, só para fazer observações

e perguntas como as poderiam ter feito quaisquer pessoas conhecidas, acêrca do céu sombrio, da tempestade iminente, depois, da saúde de um e de outro. Assim se foram aproximando, não ousadamente, mas passo a passo, das cousas que ambos revolviam no fundo do coração. Há tanto tempo separados pelo destino e pelas circunstâncias, era preciso que alguma cousa leve e casual viesse adiante abrir as portas da confiança, para que seus verdadeiros pensamentos pudessem transpor o limiar.

Depois de algum tempo, o padre fitou nos olhos Hester Prynne.

— Hester — disse elle — encontrei paz?

Ela sorriu com tristeza, e baixou os olhos para o peito.

— Encontrei-la tu? — perguntou ela.

— Não! — nada, salvo o desespero! — respondeu o padre. — Que outra cousa poderia eu esperar, sendo o que sou, e tendo a vida que tenho? Fôra eu ateu — homem sem consciência — ou um miserável de instintos grosseiros e brutais, e já há muito achara a paz. Nem a houvera perdido! Mas, como vai em minha alma, qualquer que fôsse a capacidade para o bem que originariamente em mim houvesse, todos os dons de Deus que melhores eram se me tornaram ministros de tormento espiritual. Hester, sou um grande desgraçado!

— O povo te venera — disse Hester. — E por certo espalha o bem entre elle. Não te dá isso conforto?

— Ainda mais amargura, Hester! — só mais amargura! — respondeu o padre, com um sorriso amargo. — Pelo que toca ao bem que pareço fazer, não tenho fé nêle! Deve sêr ilusão. Que pode fazer uma alma morta como a minha para a salvação de outras almas? — ou uma alma impura como a minha para a purificação delas? E quanto à veneração do povo, tomara eu que se convertesse em escárnio e ódio! Poderás tu, Hester, supor que me consola ter de estar no púlpito, e ver tantos olhos virados para o meu rosto, como se a luz do céu dêle irradiara! — ver o meu rebanho ansiando pela verdade, e escutando as minhas palavras como se as dissesse uma língua da divina chama! — e depois voltar-me para dentro, olhar para a minha alma, e ver a negra realidade daquilo que elles idolatram? Já tenho rido, de amargura e agonia de alma, do contraste entre o que pareço e o que sou! E Satanás também dêle ri!

— Sois injusto convosco — disse Hester com

brandura. — Profunda e tristemente vos arrependestes. Vosso pecado, já o deixastes atrás, nos dias que já passaram há muito. Vossa vida presente não é menos santa, em boa verdade, que parece aos olhos do povo. Não há então realidade em penitência tão bem selada e testemunhada por boas obras? Por que vos não há de ela trazer a paz?

— Não, Hester, não! — respondeu o padre. — Não há substância nela! É fria e morta, e nada pode fazer por mim! Penitência exterior, tenho tido bastante! Penitência interior, arrependimento, não tenho tido nenhum! Se o houvesse tido, já há muito eu tivera lançado fora estas vestes de fingida santidade, e me tivera mostrado a todos como há de ver-me no Dia de Juízo. Feliz sois vós, Hester, que usais a letra encarnada abertamente em vosso peito! A minha queima-me em segredo! Mal sabeis que alívio é, depois do tormento de sete anos de impostura, fitar um olhar que me conhece por o que sou! Tivera eu um amigo — ou até meu pior inimigo! — a quem, quando nauseado dos louvores dos outros, todos os dias pudera buscar e mostrar-me a ele como o mais vil dos pecadores, talvez com isso minha alma pudera conservar-se viva. Esse pouco de verdade porventura me salvara! Mas agora é tudo mentira, é tudo vácuo, é tudo morte!

Hester Prynne olhou-o de face, porém hesitou em falar. Contudo, ao dar o padre tão veemente curso às emoções que há tanto tempo reprimia, as suas palavras davam-lhe a ocasião que ela buscava para interpor o que viera para dizer-lhe. Venceu os seus receios, e falou:



— O amigo que acabas de desejar — disse ela — com quem chores o teu pecado, tem-lo em mim, que nele tive parte! — Tornou a hesitar, mas disse as palavras, se bem que fazendo esforço. — E o inimigo de que falaste, também o tens tido, desde muito, e com ele tens morado, sob o mesmo teto!

O ministro pôs-se de repente em pé, sufocado, deitando as mãos ao peito, como se d'ele quisesse arrancar o coração.

— O quê? Que dizes tu? — exclamou. — Um

inimigo! É sob o mesmo teto! Que queres tu dizer?

Hester Prynne sentiu agora perfeitamente de que funda injúria se tornara responsável para com o infeliz deixando-o por tantos anos, ou um só momento que fosse, à mercê de um homem cujos propósitos não poderiam ser senão malévolos. A própria contiguidade do seu inimigo, qualquer que fosse a máscara sob que elle se escondesse, era quanto bastava para perturbar a esfera magnética de um ente tão sensível como era Arthur Dimmesdale. Um período houvesse em que Hester tinha tido menos presente esta consideração; ou, talvez, na misantropia do seu próprio sofrimento, deixara o ministro entregue à que ela podia figurar-se muito mais leve sorte. Mas de há pouco, desde a noite de vigília de padre, toda a sua simpatia por elle se tinha, ao mesmo tempo, enternecido e exaltado. Lira agora muito melhor no coração de Arthur Dimmesdale. Não duvidava de que a presença continua de Roger Chillingworth — cuja malignidade infectava de secreto veneno todo o ar que o cercasse — e a sua interferência autorizada, como médico, nas enfermidades físicas e espirituais do ministro — não duvidava de que estas más oportunidades haviam servido a um propósito cruelíssimo. Por meio delas se tinha mantido a consciência do infeliz num continuo estado de irritação, cuja tendência era, não dar cura, por uma dor benéfica, a seu ser espiritual, mas desorganizá-lo e corrompê-lo. O resultado, na terra, não podia deixar de ser a loucura, e, depois da terra, aquele eterno afastamento de todo o Bem e de toda a Verdade, de que a loucura é talvez o símbolo terreno.

!A esta ruína tinha ela conduzido o homem que outrora — e, porque não dizê-lo? — que ainda tão apaixonadamente amava! Sentiu Hester que o sacrifício do bom nome do padre, que a própria morte, como o havia já dito a Roger Chillingworth, teriam sido infinitamente preferíveis à alternativa que ela viera a escolher. E agora, em vez de ter esta grande injúria a confessar, de bom grado se deitara ali sobre as folhas caídas, e ali morrera, aos pés de Arthur Dimmesdale.

— Oh, Arthur! — exclamou ela — perdoa-me! Em todas as outras cousas me tenho esforçado por ser verdadeira! A verdade era a única virtude que eu poderia ter mantido, e deveras mantive, através de todas as adversidades; salvo quando se tratava de teu bem, de tua vida, de tua reputação! Então consenti numa mentira. Mas a mentira nunca é boa, ainda que a morte ameace do outro lado! Ainda não vês o que te quero dizer? Esse velho! — o físico! — aquele a quem chamam Roger Chillingworth! esse é o que foi meu marido!

O ministro olhou um momento para ela, com toda aquela violência de ira, que — misturada em mais de uma forma com as suas mais altas, mais puras e mais ternas qualidades — era, de facto, a parte que nelle tinha o diabo, e através

da qual este trabalhava por ganhar o resto. Nunca se viu expressão mais sombria e colérica do que essa com que Hester se defrontou neste momento. No curto instante que durou, foi uma horrível transfiguração. Mas o carácter do padre estava tão debilitado pelo sofrimento, que nem mesmo as suas energias inferiores eram capazes de mais que um passageiro arranco. Deixou-se cair ao chão, e cobriu a cara com as mãos.

— Eu pudera tê-lo sabido — murmurou. — Não: em verdade, eu soube-o! Não me foi dito o segredo, no instintivo recuo do meu coração, a primeira vez que o vi, e quantas vezes depois o tenho visto? Porque não compreendi? Oh, Hester Prynne, pouco, muito pouco sabes tu do horror que nisto há! E a vergonha! — o opróbrio! — o horror desta exposição de um coração doente e culpado aos próprios olhos que tanto gozariam com essa dor! Mulher, mulher, a culpa disto é tua! Não te posso perdoar!

— Tens que perdoar-me! — exclamou Hester, deitando-se ao pé d'ele sobre as folhas secas. — Deus que puna! Tu tens que perdoar!

Com súbita e desesperada ternura lançou os braços à roda d'ele, e apertou-lhe a cabeça contra o peito, pouco lhe importando que a face lhe pousasse na letra encarnada. Elle quis desembaraçar-se, porém em vão o tentou. Não o queria Hester largar, não fosse elle olhá-la com a mesma dureza. Todo o mundo a tinha olhado com severidade — durante sete longos anos tinha olhado com severidade esta mulher desprotegida — e ela tudo tinha sofrido, sem desviar, nem uma só vez, os seus olhos firmes e tristes. O próprio céu a tinha olhado com severidade, e ela não tinha morrido. Mas o olhar severo d'este homem pálido, fraco, pecador e triste, era cousa que Hester não podia sofrer e continuar vivendo!

— Não quererás perdoar-me? — repetiu ela vezes sem conto — Não quererás deixar de olhar-me tão severamente? Não me queres perdoar?

— Eu vos perdôo, Hester — respondeu por fim o padre, com uma voz profunda, saída de um abismo de tristeza, mas não de cólera. — Agora livremente vos perdôo. Deus nos perdoe a ambos! Não somos nós, Hester, os piores pecadores do mundo. Há um que ainda é pior que o padre impuro! A vingança daquele velho tem sido mais negra que o meu pecado. Tem violado, a sangue frio, essa cousa sagrada que é um coração humano. Tu e eu, Hester, nunca o fizemos!

— Nunca, nunca! — segredou ela. — O que fizemos tinha uma consagração própria. Assim o sentimos! Assim dissemos um ao outro. Já te esqueceste?

— Cala, Hester! — disse Arthur Dimmesdale, erguendo-se do chão. — Não; não me esqueci!

Tornaram a sentar-se, lado a lado, e mão em mão, no tronco musgoso da árvore caída.

(Continua.)

TERRA AFRICANA

DE DAKAR A LAGOS (IMPRESSÕES DE VIAGEM)



Entrada para a antiga feitoria de S. João Batista de Ajuda. — Último vestígio do domínio português na Costa dos Escravos

VIII

DAHOMÉ

Em grupo reduzido seguimos, em 23 de Abril, para *Abomé*, velha capital do famoso reino, hoje colónia francesa do Dabomé.

Sairamos na véspera do Togo, e entrámos pelo Grande Pópo — Passagem rápida em Ajuda — que os franceses chamam *Ouidah* — povoação importante com 25.000 habitantes, onde se vai desmoronando, desleixada e pelintra, a vestusta feitoria portuguesa de S. João Batista de Ajuda, pomposamente alcunhada de «Forte» em documentos oficiais, mas forte onde um único oficial nosso, sem trabalho e já sem prestígio perante o preto, exerce cumulativamente as funções de comandante e guarnição.

De Ajuda o caminho de ferro levou-nos rapidamente a *Cotonú*, grande porto mercantil, cidade caracteristicamente equatorial, de ruas largas, planas, rectas e sombrias, onde paira constantemente um hálito morno, de vapor de água com exalações do humus, e baforadas quentes das fermentações do subsolo, em actividade permanente.

A uma tarde o comboio especial aguarda-nos na estação. Somos seis da missão de estudos; os restantes sete, amolentados pelo agasalho carinhoso das mais conspícuas personagens de *Cotonú*, preferem ficar gosando as delícias dissolventes do *farmiente*.

Até *Pahou* seguimos a direcção Oeste. Nesse ponto cortámos perpendicularmente para o Norte. Entrámos na vasta planície de *Allada*, salpicada de palmares duma fertilidade inaudita. O terreno é vermelho, untuoso e gordo, como o melhor que conheço em S. Tomé. Por quilómetros e quilómetros, só vejo palmeiras *dendem* de larga copa arqueada, exibindo um verde escuro reluzente, flancos prenhes de volumosos cachos; admiro o seu aspecto sadio de plantas bem estimadas, de tronco liso, potente, limpo de velhas brácteas.

De espaço em espaço, há trechos de floresta em bruto; intervalando os palmares vejo milhariais extensos, de folhas compridas verde-esmeralda, em graus sucessivos do desenvolvimento, plantações de mandioca e vastos campos de amendoim, de bananeiras, de cucurbitáceas. Respira-se a paz e a fartura.

Allada! Allada! Paragem do comboio. Recebem-nos braços abertos e sorrisos gentis dos poucos franceses e francesas que habitam este grande povoado, que teve as honras de capital do reino de *Ardra*, antes de subjugado pelos guerreiros ferozes do Dabomé.

A pressa percorremos o amplo quadrilátero onde se aglomera, com seus trajes de festa a população indígena. Admiro as macas faustuosas dos maioraes, sob docês bordados, as aurillamas em sêda com seus desenhos bizarros, os parasóis garridos, a vistosa indumentária da multidão. Os chefes veem ao nosso encontro, graves e atentos, estendendo-nos a destra amiga na ponta de um braço escuro onde sobressaem dúzias de pulseiras de prata. Queriam que assistissemos a um batuque de gola. Declinámos o convite, escravos do horário da ferrovia; devemos estar em *Abomé* antes do lusco-fusco.

Depressa às carruagens, apito, marche!

Em *Bohicon*, a dez quilómetros de *Abomé*, paragem final. Os automóveis esperam-nos trepidantes, *chauffeurs* ao volante, motores em explosões precipitadas. O administrador do círculo Mr. Boncel, oficial do exército francês, alto, sêco, elegante, saúda-nos com os ademanes cortezes dum gentil-homem de velha raça.

Sigamos! É linda a estrada umbrosa, sob a fronde de *Ficus* colossais. Das duas bandas, a perder de vista, palmares e mais palmares soando óleo, distilando a riqueza dos naturais deste país. Primeira aldeia. Descemos.

É *Tengi*, sêde do cantão do mesmo nome, onde manda *Degan Glélé*, um dos grandes chefes da circunscrição, cinco vezes condecorado pelo governo francês, irmão do antigo rei *Behanzin*.

Alguns dos seus subditos, a meio de multidão numerosa, executam, ao troar do tamboril, um batuque desenfreado. Sigo as dansas com uma curiosidade tenebrante, tão diferentes me parecem de quanto, no género, tenho visto. Não tive infelizmente quem de antemão me prevenisse, de que estamos em um país — único na Africa Equatorial — onde houve e subsiste uma religião de cerimonial definido, de tal forma cavilhada nos costumes, que não há acto da vida social que não tenha algo de ritual. É uma cerimónia religiosa e não um divertimento que presenciámos.

Uma dúzia de rapagões, ágeis e hercúleos, após alguns meneios ao ritmo rigoroso do *tantam*, percutem o solo com os pés nus, simulando um estralejo prolongado. Presumo, em minha ignorância petulante, tratar-se de uma dansa guerreira, na qual se quisesse imitar a carga de cavalaria. Engano! É um rito do culto do *deus-do-Trovão*, feitiço sanguinário, cujo emblema é um touro, ao qual, há menos de trinta anos eram imoladas centenas de vítimas humanas.

Findo o ribombar do *Trovão*, vejo emergir do populacho um grupo numeroso de mulheres. Algumas, velhas, de mamas rugosas e pendentes, disfarçadas sob ouropéis berrantes; outras trazendo na cabeça um chapéu de palha, ponteadado; raparigas esbeltas, de seios rijos e nus, de bicos procidentes; todas estas fêmeas se contorcem a compasso, avançam e recuam à cadência do *tantam*.

Vejo-lhes, através da camada adiposa, sobressaírem, contraídos em bola, os músculos entrecortados neste duro exercício, os das espaldas, os



Uma casa velha de má construção, é a moradia do oficial português que reside, e comanda, em S. João Batista de Ajuda. — Não tem guarnição militar

dos braços, os do ventre. As nádegas artificialmente arredondadas, aparecem volumosas, numa calípgia ridícula.

Todas elas são feiticeiras, destinadas desde a infância, ao culto do *Trovão*.

Quisera perceber o significado destes movimentos frenéticos, destas contorções descabeladas. Traduzirão o terror do deus? Que vem fazer este pretalhar gigantesco, quasi apolíneo, cujo único vestuário é uma cortina de pêlos compridos presa à cintura, e que agita na mão direita um *phalus* enorme? Trata-se evidentemente do simbolismo da fecundação. Mas então os movimentos epiléticos das mulheres terão uma significação sexual?

O meu espírito tenta, desesperadamente, penetrar a obscura mitologia deste povo. Quanto desejaria, sedento de saber, ter-me previamente instruído, em livros minuciosos, e poder seguir, passo a passo, compreendendo-os, os gestos bizarros dos dançarinos! Afloram-me reminiscências dos velhos mistérios egípcios. As atitudes das contorcionistas afiguram-se-me reproduzidas dos baixos relevos do velho império faraônico. A representação dahomeana do *deus-do-Trovão*, um touro vermelho, coincide com o emblema vivo do deus *Osiris*, o boi . pis.

A inteligência, o desenvolvimento artístico, o culto religioso, a organização social dos dahomeanos e até a crença que tem inabalável e rebelde ao testemunho dos sentidos, de que não são pretos mas *vermelhos*, tudo os revela como descendentes prováveis de qualquer das muitas tribus egípcias, pastoris, nômadas e guerreiras que à busca de pastos abundantes para seu gado, tivessem vindo estabelecer-se nestas ferozes regiões.

... É preciso partir. A luz declina e temos de receber a homenagem dos notáveis, ou *cabeceiros*, nome português, adoptado pelos indígenas para designação dos maiores. Lá está a grande casa da administração, residência de Mr. Boncel.

O imenso largo que a defronta, está coalhado de povo.

Auriflamas e pendões, ricos palanquins e guardassois de seda indicam os locais onde acampam os 7 grandes chefes de cantão, todos da antiga família real, reúnidos para nos saudar. Vão até — prova de consideração excessivamente rara — executar eles próprios em honra nossa alguns passos de dança. Sentámo-nos em bancada, sob uma *Ficus* de tronco gigantesco, e copa frondosíssima.

Precedido, como por arautos, de um tamboreiro e de um tocador de busina córnea, aproxima-se o primeiro palanquin. Dançarinos exaltados, ao tempo que executam a sua coreia infrene, ao ritmo da tocata, estendem os braços suplicantes na direcção do chefe, como que implorando-o a mostrar-se. Ele desce gravemente, atravessa com majestade o populacho que lhe faz cêrco, e o aclama com frenesi. As puitas e os *tantans* reboam infatigáveis.

O *príncipe* executa os seus passos com segurança e rigor, enquanto um satélite faz girar, sem descanso, em volta da real cabeça o guardassol bordado a seda. É curta a exhibição e finda ela o *cabeceira* vem cumprimentar-nos, enquanto os seus satélites, loucos de entusiasmo pela pericia do chefe, a manifestam em gritos, em gestos, em danças desordenadas.

A este segue-se outro, e depois outro, que repetem os mesmos passos, o mesmo cerimonial, as mesmas saudações.

É noite. Vamos jantar.

24 de Abril. — Vão-nos mostrar o belo edificio onde, há pouco mais de um ano, se instalou a Maternidade indígena, e na qual o moço dr. Eschbach, dedicado apóstolo do *Berceau noir* assistiu já a mais de 300 mães indígenas.

Passámos revista a essas 300 crianças, que todos os domingos são pesadas, e os pêso registados no respectivo *cartet*. Conversámos com a parteira em exercicio, formada em Dakar, M^{lle} Elizabeth Behanzin, sobrinha do sangüinário déspota, a qual, competente e zelosa, contribui para a reconstrução da raça que seu tio ia em caminho de, desenfasiadamente, liquidar.

Mostram-nos a pequena instalação vacinogénica, e um caso da curiosa doença tropical o *Gondú*, cujos pacientes exibem, de cada lado do nariz, dois tubérculos redondos do tamanho de ovos de pomba.

Mas a minha atenção não se fixa, tendida para as visitas que nos foram prometidas às residências de dois dos chefes mais importantes da região, e ao antigo palácio dos reis do Dahomé.

Em casa do *Degan Glélé*, é-nos oferecido mais um batuque prouçional. Vamos passar dansando, em grupos sucessivos, a curta distância uns dos outros, 5 guerreiros em trajes multicolors, 6 raparigas de nádegas calípgianas, 8 homens de roupagem variegada e 9 velhas de chapéu pontegudo. E fazendo a naneta, entre o grupo de raparigas, e o grupo de homens que as seguem, manobra o *porta-phalus*, mostrando os dentes num rictus sarcástico, em evoluções macabras e obscenas.

Aougabé, o grande chefe de *Alaré*, 7 condecorações, recebe-nos, manda-nos servir champagne, saúda-nos e saúda a França.

Faz comparecer, as suas 20 esposas legítimas. Filho de Behanzin, mandou reproduzir com os pormenores mais exactos a residência habitada por seu pai, durante o tempo em que reinou seu avô *Glélé*; surpreendem-nos as colunatas de preciosa madeira pintada de desenhos geométricos; e o compridissimo alpendrado onde o príncipe dá audiência, aos solicitantes que entram de joelhos e de frente rojando o pó.

4 horas da tarde. Eis-nos no recinto imenso, de periferia de 6 quilómetros, murado a barro — mas tão sólido que tem agüentado as chuvas

Vamos ver a série de tamboretos que serviram aos reis da dinastia do Dahomé. O primeiro pertenceu a *Dako*, do século XVI; o segundo a *Oegbadjá*; o terceiro a *Acabá*.

O mais curioso é do rei *Ghêzo*, avô de Behanzin, o Napoleão dahomeano, que venceu e escravizou a numerosa população dos Nagos. Quatro crâneos de chefes mortos às suas mãos, servem de base aos pés do seu escabelo.

Segue-se o do rei *Glélé*, a que succede o de Behanzin, morto em Madagascar em 1912. Envolto em um pano de seda, o assento do *agouliagba*, irmão de Behanzin, e seu sucessor já sob o domínio francês. Esse vive ainda, mas foi deposto em 1919, por suspeita, talvez infundada, de rebeldia.

Sob estes dois cobertos cônicos, feitos de palha, estão os catafalcos dos dois grandes reis *Ghêzo* e *Glélé*. Os corpos dos imperantes eram sepultados em extensas galerias subterrâneas (como no Egipto), metidos em sarcófagos de barro amassado com sangue de escravos aprisionados na guerra. Voluntariamente desciam ao subsolo dezenas de homens e mulheres para serviço do defunto, e ali ficavam definitivamente encerrados. Sobre a pedra pesadíssima que tapava a entrada da galeria se armava o leito fúnebre de coberturas ricas, o catafalco em volta do qual, dia e noite velam devotos revezando-se. Vêmo-los cumprindo os ritos atávicos. Junto da entrada prostram-se de joelhos e frente no pó.



O que resta do antigo corpo de amazonas do reino do Dahomé. — Eram virgens guerreiros de uma implacável ferocidade

copiosas de 30 anos — onde com suas inúmeras dependências e instalações estavam estabelecidos os régios paços. Além, são as ruínas da casa real, de dois andares. Sob estas *Ficus* imensas, eram sacrificadas as vítimas expiatórias. De 6 em 6 meses, em honra dos manes dos antepassados, imolavam-se centenas de escravos. Mas largamente se excedia a conta, nas festas da coroação dos reis, durante as quais o extensissimo muro do paço era ornamentado a cabeças humanas espetadas a curta distância umas das outras, e o sangue devia ser suficiente para que nêlo podesse flutuar uma piroga! Estes sacrificados constituíam uma comissão de honra que ia anunciar, numerosa e solene, as almas dos reis falecidos, o advento do seu sucessor.

Sob o hangar que ali vemos, os reis davam audiência.

Na parede, feita em perdurável barro vermelho vejo uma teoria de medalhões esculpidos em baixo relevo, representando figuras de animais, bastante exactos.

O *deus-do-Trovão* no seu simbolo taurino, de focinho alongado e as duas hastes no plano longitudinal do corpo; o elefante, a gasela, o hipopótamo, o antilope, o leão, o leopardo. Dentro do hangar, mulheres em grupo de idades muito diferentes, fiando e rezando, incarnam, diz a crença nativa, as almas das mães dos imperantes.

Esfregam a cabeça com terra, erguem-se de olhos baixos, compungidos, e entram sob a cúpula onde repetem os mesmos gestos de veneração.

Uma viúva sobrevivente de *Glélé* vai todos os dias inclinar o ouvido no ângulo do leito fúnebre onde foi colocado o côfio bordado do rei, para ouvir qualquer mensagem que o defunto lhe queira confiar.

Vemos ainda os últimos amazonas do reino.

Eram temíveis guerreiros, virgens, que desde a infância se dedicavam a exercicios físicos e às fadigas da guerra; cada amazona em campanha levava consigo uma rapariga impúbere; cada soldado levava um efebo. Umas e outros adquiriam a pouco e pouco os hábitos dos combatentes, e so assim se explica que um pequeno povo tivesse escravizado ou tornado tributário os reis de Alada, Acrá, Porto Novo, Ajudá e o País dos Nagos.

Só a intervenção europeia pôs termo às conquistas e às vergonhosas hecatombes humanas. No entanto merecia bem a pena, penso eu, recolher em todas as suas minúcias os vestígios ainda existentes de uma organização social ferozmente feudal, que no seu género foi única na Africa Equatorial.

CHATEAUBRIAND E GARRETT
NA ILHA GRACIOSA

A Graciosa é um negalho insular no grupo central dos Açores: 20 por 10 quilômetros de terra, onde nascem, vivem e morrem nove mil almas, o muito. Por aqui se vê como a ilha pode parecer, da Terceira, pondo-se a gente à ponta da Serreta, um pudim negro que se emborcou da forma. A sua pequenez ainda me lembra que, a fazer-se das ilhas o poiso dos

vêm as divisórias dos agros, renques de pedras vulcânicas «*mi-parties blanches et noires*». E aqui, o grande escritor daltônicamente delira... Mas não importa. Se em matéria geológica a sua pena inventa, em compensação nos dá o litoral projectado no espelho verde do mar. O Pico, ao fundo, deslumbra-o.

Seguidamente, Chateaubriand relata como poiso o pé na terra graciosense. Acompanhado de um tal Tulloch, é recebido no cais de Santa Cruz por uma malta de frades. Mas não se julgue que, canonicamente professos, estes pilares da vida monacal são leigarrazes de espirito. Não, senhores. Suas paternidades são consumados políglotas: «*Is nous hélèrent en portugais, en italien, en anglais, en français...*» Feito o que, Chateaubriand e o amigo se internaram, radiantes, na nova Babel isleña. Acudiu povo em barda. Quatro ou cinco *alguazils* fazem a continência a Chateaubriand, que enverga o uniforme de S. M. Cristianíssima. E está naturalmente indicada uma visita ao *gouverneur*. Aqui, porém — ó manes repousados dos capitães-mores da Graciosa! — o viajante amesquinha singularmente o prócere: «...son Excellence, vêtu d'un méchant habit vert, autrefois galonné d'or, nous donna une audience solennelle...» Então, Tulloch, o inglês, teve a suprema dita de encontrar no convento um seu compatriota, marinheiro de Jersey, que, tendo naufragado na costa da Graciosa e sendo o único escape da desditosa companhia, envergou hábito e lá ficou. Jubiloso de tão inesperada visita, o frade marinheiro desfez-se em cortesia com Chateaubriand e seu par: «*il riait et jurait en vrai pilotin*». Internado com o religioso e Tulloch na pitoresca ilha, Chateaubriand, descreve-a desta sorte:

«Galerias exteriores, nas aldeias, embelezavam as casas de pedra e de madeira, dandolhes ar de limpas, cheias de luz. Os camponeses, vinhateiros na maior parte, andavam meio nus e bronzeados do sol. Pequenas, da amarelidão das mulatas, ainda que mexidas, as mulheres andavam ingenuamente garridas com os seus ramos de siringa, os seus rosários em guisa de coroa ou grinalda. O pendor das colinas verdejava das cepas que dão um vinho parecido com o que produz o Faial. Não abundava a água, mas, por onde quer que rebentasse uma fonte, uma figueira crescia, um oratório se erguia com sua portada a fresco. Suas ogivas enquadravam alguns aspectos da ilha e algumas dobras do mar. Sobre uma dessas figueiras foi que eu vi abater-se um bando de cercetas azuis, não palmípedes. A árvore não tinha folhas, mas, como cristais engastados, mostrava os frutos rubros. Quando as cerúleas aves a enfeitaram de suas asas perdidas, pareceram-me seus frutos duma ofuscante púrpura, enquanto a árvore repentinamente envergava um manto azul de folhas.»

Nesta mancha, formosíssima, a par de notas flagrantemente exactas, há seu pontinho acrescentado ao conto. As ogivas a que se refere o escritor não passariam, na melhor das hipóteses, de tóscos arcos de cruzeiro ou passo. Quanto à figueira, sim, essa abunda nas ilhas, e os figos também fazem, como o escritor insinuava, os momos vermelhinhos. Já não me parece tão fidedigno o quadro quando se refere a cercetas. As aves azuis estão a mais; servem de ornato mito-ornitológico. Que eu saiba (e em fauna graciosense não me considero um hospede...), pelo autor afastada a hipótese dos palmípedes, não há, nas ilhas, cercetas. Tratar-se há de voadores pernaltas, chamados também ribeirinhos? *No lo creo...* O abibe, o galinhoto, o maçarico, a narceja, a galinhola e a galinha de água são os únicos séres da casta referida. Os únicos, minto. Há o João Cardoso (a *ardea cinera* de Linn.), mas este, como aqueles, é caçador do mato e das lagoas. Aos figos purpúreos de Chateaubriand, prefere (juro-o pela figueira em que o Traidor se enforcou!) as rãs e a peixaria que na água doce jardina. E, para abrigo, elege sempre os juncaes de haste magrinha e hostil.

Deposto o pincel de paisagista, Chateaubriand alude à lendária estátua do Corvo que aponta ao Ocidente. Fala, depois, duma ceia com que o deliciaram os frades. Com eles e Tulloch passou a noite a beber. E enfim, possivelmente sagrado por sua bôca de ouro o vinho da Graciosa, no dia seguinte se fez de rumo ao navio para deixar a ilha. Um sudeste violento pusera em risco os viajantes; perderam a âncora e desferraram. E, ao largo, inebriado ainda por *la verdure des blés*, Chateaubriand revoca: «*Fac pelagus me scire probes, quo carbasa laxo*».

Sobre a estada de Garrett na afortunada Graciosa, pouco me deterei. É mais conhecida. Referem-na Amorim, nas *Memórias*; Ramalho, nas *Farpas*; Teófilo, no *Garrett e o Romantismo*; e, na monografia *Ilha Graciosa*, por António Borges do Canto Moniz, é relatada com pormenores curiosos, que brigam parcialmente com os que nos dá o biógrafo escabichador do divino. Seguirei a versão do monografista açoriano, que a consolida com o testemunho de «pessoas que presenciaram o facto, e que ainda hoje existem.» E vem a ser — um sermão pregado por Garrett!

Em Santa Cruz, na Matriz, dizia o padre Manuel Correia da Silva a sua missa nova. Garrett, que estava então de visita na casa que ilustra esta prosa, inopinadamente se dirigiu ao púlpito, trajando capa negra, compôs naturalmente a voz e o penteado, — e pregou. Bôca que foste falar... Porque o cronista refere que o tio do pregador se enfureceu grandemente. Era o juiz de fora João Carlos Leitão, — «homem de génio impetuoso e forte», nos diz o narrador. Com referência ao auditório, a darmos-lhe a fidedigna escritura, parece que gostou. Canto Moniz remata ufanamente: «Julgamos que foi a ilha Graciosa que teve a gloria de ver desabrochar em seu seio as primícias daquele talento brilhante, e que foi aqui o lugar onde Almeida Garrett compôs os primeiros versos e onde começaram a brilhar os primeiros fulgores daquele génio transcendente.»

Com primazia da Graciosa ou de sua metrópole, a Terceira, o certo é que aquelas duas ilhas sopraram no estro a Garrett. Por lá amou uma ditosa «Lília». Na Terceira aprendeu os rudimentos do grego e se repastou na *Merope*. E, menino e moço, em Angra, abateu a filúcia dum prestimoso gramático, o Padre Jerónimo, que à ultima hora foi arvorado em patrono do liceu central do distrito.

Chateaubriand, Garrett, a Graciosa... Mas o que eu escrevi, a ser bem alastrado, cobria a ilha chinchinha!

VITORINO NEMÉSIO.



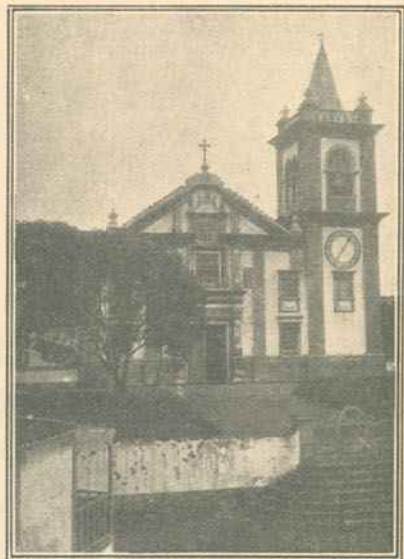
Casa que Garrett habitou na ilha Graciosa

aviões que venham do Novo ao Velho Mundo, mal chegará para abarcar a sombra duma dessas aves fantásticas, de corpo de aço e asas de cretone... É modo de falar; mas não se pode negar que a Graciosa é um quasi nada de terra.

A pesar-disso, cabe-lhe a honra de ter albergado em seu seio a Chateaubriand e Garrett. As referências à passagem do escritor francês pela ilha constam das *Mémoires d'outre tombe*, onde se lêem de página 348 a 351, na edição de Dufour (Paris, 1860), e a barbaridade histórica, por onde começou, já provocou da pena dum bibliófilo, costumado a acotar *currente calamo* as espécies, três hirtos, bojudos pontos de espanto. Trata-se de Ernesto do Canto, e a barbaridade ei-la aqui: «*Lorsque Gonçalo Villo, aieul maternel de Camoens, découvrit une partie de l'archipel des Açores...*»

Depois de ter enjeitado à paternidade do comendador de Almourol a mãe do nosso épico (deve de ser a D. Jacintra da copia...), Chateaubriand inveja uns palmos de terra dos Açores para jazida dos ossos camonianos. Nisto se antecipa a Mousinho da Silveira, o qual, como é sabido, manifestou o desejo de ser sepulto no Corvo. Mas vamos à impressão geral que produziu no autor a Graciosa e os seus homens.

Chateaubriand descreve com exactidão sofrível e gosto perfeito o que viu. Surpreenderam-no a cintura de rochas que blindam toda a ilha, cortada de pontas que sobre o mar se erigiam e adornada de embarcações. Surto na pequena e pouco segura enseada, em Santa Cruz, afiguram-se-lhe as graciosas colinas — «*les ellipses d'une amphore étrusque*». Mas o curioso é que o impregnaram os cheiros «*de la verdure des blés*», e esta nota, que é rápida no quadro, é a acrescenta elucidando ser aquele o perfume peculiar das searas insulanas. Depois,



Matriz de Santa Cruz (Graciosa), onde Garrett pregou um sermão

TEATRO
REVISTA
DAS
«REVISTAS»

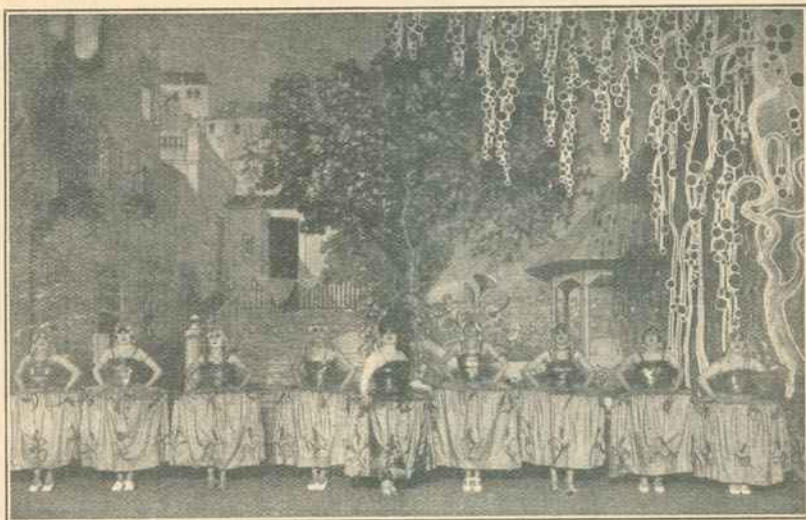
O QUE FORAM E O QUE
SÃO AS REVISTAS DO ANO

As *Revistas* são coevas do *Fado* — elas filhas do *Entremês* e da *Mágica*, êle filho do *Lundum* e da *Chácara* — nasceram ao mesmo tempo no meado do século que passou. A plangência da *Chácara*, instrumentada pelo ruído das ondas, juntou-se o requiebro do *Lundum*, e dessa amorosa e sentimental união veio o «Fadinho do marinheiro» pai de todos os outros. Da mesma forma, da burguesia do *Entremês*, salgado de chistes, e das fantasmagorias e tramóias da *Mágica*, dos tipos de um e de outro, do abraço do *escudeiro* chalaceador com o burguês de chambre e barrete bordado, nasceu o «compadre», coração e cérebro da Revista! Foram dois partos que a sociedade de então aplaudiu ao mesmo tempo, achando nêles, como reflexo de si mesma, num sentimentalismo que amolenta e enternece, noutra a feição cômica que lhe aligeira o espirito e lhe desentranha gargalhadas saudáveis. Mais tarde deu-se uma união de parentesco, a do *Fado* com a Revista, e assim, dentro do mesmo gênero, ficou tudo: uma pontinha de sentimento e um pedaço de riso.

As primeiras revistas que deixaram memória digna de nota, foram as que se exibiram no «Teatro das Variedades» que a Avenida enguliu, sucessor do antigo palco do Salitre. Chamava-se então, apenas, *Revistas do Ano*. Nada de títulos de fantasia. E, na realidade, cabia-lhes bem essa designação genérica. O ano passava-se realmente em revista. Todos os acontecimentos, alguns já remotos, de oito a dez meses de idade, eram comentados nos seus quadros. Os grandes desastres e os grandes festejos públicos serviam para as apoteoses.

A vida caminhava devagar e o público não exigia em cada dia o comentário alegre do dia anterior. A *Revista do Ano de 1864* do operoso Costa Braga, onde entraram António Pedro e Joaquim de Almeida, Maria do Céu e Felicidade Perpétua, duas «estrelas» daquele tempo, ainda tentava o gênero. Os espectadores porém, gostaram, e quando, no ano seguinte, subiu à scena a de 1865, feita pelo Oliveira das Mágicas, consagrou-se definitivamente o gênero. A «Crônica dos Teatros» aplaude-a com delírio. A revista de 1866, de Costa Braga é que foi um desastre. De vinte quadros não se aproveitou um. Houve pateada, apupos, assobios. A quarta apresentação o *Variedades* estava às moscas. Costa Braga não tinha dedo para aquilo, dizia-se então. O Oliveira sim. Peça dêle, tinha um agrado certo. Era a *Parçaria* do seu tempo.

Sem grandes alterações nos moldes primitivos foram-se representando mais revistas. O folhetinista António de Menezes, — o *Argus* dos *Tan-Tans*, — e Baptista Machado o autor dos *FF* e *RR* que foram no «Teatro da Alegria», conseguiram aligeirar-lhes introduzindo-lhes algumas novidades de técnica, dando-lhes aqui e ali uma nota de distinção. Por outro lado Baptista Dinis, que eu conhecera a dar lições de química ao dr. Vergílio Machado, com uma sobrecasaca tão solene como o seu desprêso pelas leis de Proust e pela fórmula do ácido sulfúrico, carregava-as de frescuras engenhosas para os paladares saburosos do Teatro do Rato, achando *trucs* e *doubles-sens* de efeitos tão admiráveis como desvergonhados. Tinha realmente mérito



Um dos números mais interessantes da revista «Caba e Morangos»

este homem de aparência gravíssima e de espírito de rara inventiva maliciosa, que punha o seu «compère» — quasi sempre um policia — a dizer para a «Dama das Camélias» que vinha à scena com um ataque de tosse a despedir-se do Armando Duval.

— Se você cospe são cinco tostões de multa. As platéas populares deliravam com êle.

Lembram-se das revistas da Trindade? Eu assisti ainda a duas delas. Que barulho isso fez na pacata Lisboa de então! Ver e ouvir o Alfredo de Carvalho e o Joaquim Silva, assistir em três actos estridados ao comentário dos acontecimentos de um ano inteiro, à scena picaresca do *Balão* — que era um reboar ininterrupto de gargalhadas e hoje nos causaria fastio — ao fado do *Carro do Jacinto* antepassado, no êxito da popularização, das *Carlolinhas*, da *Rita e do Manecas*, das *Rosas* e da *Espiga*, ao guarda-roupa de paninho da côr, tudo isso que seria hoje pouco menos de intolerável, entusiasmou os allacinhas. O *Tim-tim por tim-tim*, foi um êxito doido. E não havia efeitos de luz eléctrica, nem o «costumier» Castelo Branco, nem scenários luxuosos. Era a revistinha crua, sem os complicados temperos de hoje. Os «sucessos» de Sousa Bastos, no Trindade, eram só dêle e dos seus artistas. A restante colaboração era um zero.

Vieram depois as revistas da Rua dos Condes. É a época de Schwalbach. Representaram-nas a Pepa e o José Ricardo, o Vale e a Mercedes, a Angela e a Amélia Lopicolo. Só isto. Desenhavam-se os fatos, e quem os desenhava era o Rafael Bordoal Pinheiro e o Pina Schwalbach, introduzindo dentro da revista o espirito vicentino e a ideia patriótica, dignificou o gênero. As *Agulhas e Alfinetes*, emparelharam o seu êxito ao do *Tim Tim*. Acácio de Paiva, Luis Galhardo e Esculpido foram atrás dêle. O velho Príncipe Rial pôe o *O da Guarda I*, de Galhardo e Barbosa Junior, e a revista encontra ai na politica uma fonte inesgotável de «sucessos». O actor Eduardo Vieira, faz uma imitação de João Franco. Estava achado um novo filão. O gênero enriquecido com a sátira politica, até ai defusa, ganha novos elementos de energia.

O triunvirato de que foi Primeiro Consul o falecido Ernesto Rodrigues, formado primeiro com Acácio de Paiva, depois com Bermudes e Lino Ferreira, mais tarde, com aquele e João Bastos, surge então. A seguir ao *ABC* no «Avenida», vem a *Agulha em Palheiro* e o *Sol e Sombra* e depois o *Capote e Lenço*, três peças de êxito ruído. Nas mãos hábeis do grupo, a *Revista* pica-se de novos chistes, funde-se num molde novo, apresenta o quadro de comédia, o quadro de rua, o quadro de fantasia; adquire um formato e um traçado justo e equilibrado. Ernesto Rodrigues cria uma técnica e choca

uma região de imitadores e de continuadores. Nenhum, porém, como êle, que foi um mestre, um perfeito e verdadeiro homem de teatro.

Continua a evolução. Pereira Coelho, com Galhardo e Alberto Barbosa, faz *O 31*, a revista mais representada de que há memória, cujos ecos chegaram a Espanha no celebrado *Fado* que lá criou raizes. Era um modelo novo, o chamado «cimento armado». Saia fora do molde da *Parçaria* que estabelecia regras imutáveis na sequência dos quadros, mas foi um sucesso retumbante, aquém e além-mar no Brasil onde Carlos Leal a representá-la, fazendo um dos dois «compères», gastou a sola de dois pares de çapatos.

A República, com os seus políticos e as suas revoluções, dava então matéria sobeja para êsse teatro; mas tudo cansa neste mundo. O público entusiasmou-se de se lhe falar nos estadistas. O abuso da liberdade de critica, gerou uma censura natural. Houve que enveredar por outros caminhos. O luxo do guarda-roupa, as maquinarias das apoteoses, o brilhantismo dos scenários, duplicaram-se para o êxito das peças. Chegou porém a crise: — carestia da vida, desvalorização do dinheiro, aumento de ordenados, custo exagerado dos materiais. Teve de se procurar outra saída. A revista francesa começou a influir desafortadamente na revista portuguesa, e desnacionalizou-a. Imitou-se primeiro; copiou-se depois; roubou-se descaradamente a seguir. A revista, envergonhada das culpas de que todos a accusam passou a chamar-se *Fantasia*. O «compadre» inteiro — de fraque e chapêu de chuva, de farda e chanfalho ou de smoking e chapêu alto — entra nas vascas da morte. O ho que ligava os quadros atando ao mesmo tempo a ideia da peça, partiu-se já. E impossível à fantasia, gastos como estão os assuntos, velozmente como corre a vida, fazer agora uma revista. Está tudo feito, tudo explorado, tudo esgotado. O gênero morre dia a dia, avelhentado e caquético. Debalde se lhe imiscuiu ultimamente o *nú* para o aviventar. Não há glandulo de macaco que o rejuvenesça.

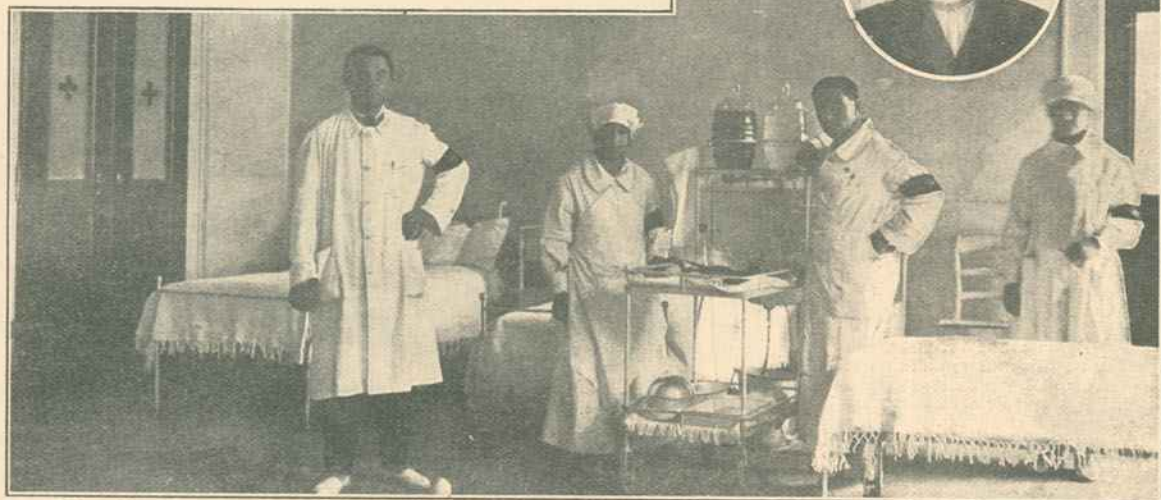
O que agora se faz e se representa é a *Feerie* francesa, traduzida; *feerie* que vive de um deslumbramento que cá se lhe não pode dar. Se alguma coisa aparece ainda ai que valha a pena vêr-se, como o *Caba e Morangos* (a última revista posta em scena) é isso um milagre estreito. Há dêstes fenômenos nas doenças sem remédio. Antes que o espirito se desprenda, vem por vezes a «visita da Saúde»; e eu creio que no *Caba e Morangos* foi isso o que se deu. A boa chalaça portuguesa e o nosso irremediável sentimentalismo estão ali ainda è certo, mas a despedirem-se da gente, como quem diz:

— O filhos, aproveitem isto que está a acabar.

MATOS SEQUEIRA.

ILUSTRAÇÃO

A COMEMORAÇÃO DO 7.º CENTENÁRIO FRANCISCANO NA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO DA CIDADE



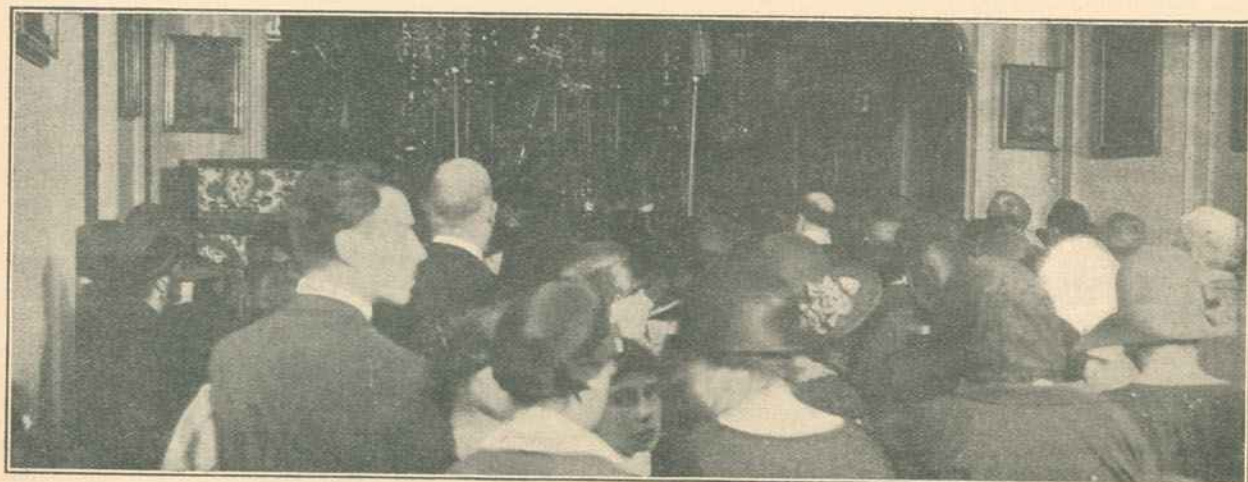
A enfermagem de S. Roque, destinada ao sexo masculino: casa ampla, higiênica e cheia de luz.—No 'medalhão': O sr. Prior Domingos Fernandes Nogueira, a quem se deve o ressurgimento desta instituição de caridade e a inauguração duma sala de operações no hospital anexo para receber, a preços moderados doentes estranhos



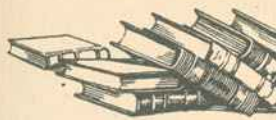
Um quarto de 1.ª classe, em que é permitida aos doentes a companhia duma pessoa de família



O pessoal da enfermagem, chefiado pelo enfermeiro diplomado sr. Antolão Lopes do Rego



A capela da V. Ordem' no dia do corrente, por ocasião da missa pontifical celebrada pelo sr. Bispo de Trajanoópolis



Livros e Escriitores



Louvoures ao Altíssimo, cumpriram-se este ano os ritos, quasi com impoluta fidelidade: correram os meses caniculares, devotados ao veraneio, sem que pinchassem nas montras dos livreiros volumes novos e de pólpa, salvante os dois premiados da literatura colonial e o do Mestre Raúl Brandão, este aliás constituído por trechos já alhures publicados! O resto, em volta de meia dúzia de apreciáveis reedições, miuças apenas, aquelas miuças que se aproveitam precisamente desta época de escassez para aparecerem com o ar pimpão que lhes empresta a falta de concorrentes de regular estatura.

Significará isto que vamos regressando, enfim, às normas de produção de antes da guerra, em que havia, é certo, algumas dezenas de ilustres escritores a menos, mas, em compensação, se podiam ler muitas mais obras de mérito em cada ano literário? Oxalá!

O certo é que neste ano da graça de Deus, mil novecentos e vinte e seis da era de Cristo, já se voltou a sentir bem a chamada *estação morta*, que em tempos pretéritos concedia folga aos que moiravam na feitura e na circulação do livro, já os mostruários da fazenda literária tomaram o aspecto raso, parêlho do de searas após a ceifa, já houve que reduzir bastante em revistas e jornais o espaço reservado ao registo das novidades das letras.

Mas ei-lo, porém, o outubro, já com os primeiros borritos de chuva no lombo, a estugar o passo ao encontro do inverno, que é o melhor, o verdadeiro amigo dos livros.

Dos livros — e da cidade. Esta, só de presentir-lo, já se alvoroa, não ouvem? A cidade é doída pelo inverno, e tem razão nisso. Ele a afaga e anima, ele a enche de bulício e de alegria, ele lhe restitui, como soberano libertador e magnânimo, a vida intensa e culta, irrequieta e elegante. Ao estio, ao negregado, que tódas as galas lhe furtou, arrebanhando-lhe as gentes para campos e praias, que a tornou insípida e a neurastenizou por uma enfiada de meses, a esse faz ela agora cruces, canhoio!, como se do demo se tratasse, e prepara-se, sorridente, para gozar a desforra. Os fugitivos regressam já, os teatros reabrem, a política desperta, há mais lindas mulheres nas ruas, e, escoltados gentilmente pelos crisântemos doirados e hieráticos, os livros primeiro assomam nas montras. «*Avé, Outono*» é o grito de hosana que rompe de tódá a cidade. E porque ele me sôa como um brado às armas, dirigido aos vários cronistas da sua multifacetada existência, — dou por findas estas longas férias e volto ao meu antigo posto.

Antes de me referir aos livros recentes que já pude ler, vou saldar, ainda que na fraca moeda de breves palavras, duas dívidas antigas — uma para com António Sérgio, outra para com Rocha Martins. Ambos me haviam ofertado trabalhos da sua lavra precisamente na ocasião do meu afastamento, os quais por isso ficaram sem registo nesta crónica.

A aludida obra de A. Sérgio é o folheto *O Seiscentismo*, reprodutor do artigo «em que, segundo dizem os que me odeiam, insultei um morto e falsifiquei textos», para me cingir aos próprios dizeres do frontispício. O caso, como talvez se recordem, fez certo alarido nesta pacata Lisboa, onde, como nos meios pequenos em que tudo que cheira a escândalo excita extraordinariamente a curiosidade indigena, os factos se avolumam e se malsinam, por via de regra. Andavam António Sardinha e António Sérgio em polémica sobre o sistema de ensino ministrado pelos Jesuítas e coisas afins, quando succedeu falecer o primeiro dos dois publicistas, deixando o seu contendor com a réplica em sus-

penso. Este, porém, atribuindo importância às ideias e não às pessoas, entendeu que a morte de A. Sardinha não deveria obstar a que elle trouxesse a lume o seu artigo. Assim fez, portanto. Mas logo caiu sobre elle uma tempestade de doestos, girando em torno destas graves acusações: agravar a memória de quem já não podia defender-se, e, para fazer vingar o seu ponto de vista, mutilar trechos de livros citados. Com serenidade, estranha em gente meridional, António Sérgio, na consciência de estar inocente de tais delictos, achou que a mais formal maneira de confundir os que assim o atacavam consistia em reimprimir o mal-afamado artigo, completando nele as citações feitas. Eis a história do folheto, que vem repor a verdade dos factos, restituindo a António Sérgio a escorreita reputação de crítico leal e estudioso que desde os seus *Ensaídos* conquistara. Para que se saiba e conste, certifico que a leitura deste folheto doutra coisa me não deixou convencido.

Quanto a Rocha Martins, é do sr. D. Carlos — *História do seu reinado* que me incumbem falar. A obra não está ainda sujeita à análise de nin-



Francisco de Aragão

guém, pois dela saíram apenas dois tomos, mas estes já me permitem descartar que ela vai atingir a envergadura, quer sob o ponto de vista literário, quer sob o ponto de vista documental, quer ainda no que respeita à sua execução gráfica, digna dos anteriores trabalhos saídos da fecundíssima pena do escritor. Assunto assaz pulpitante, esse, Rocha Martins, conjugando na obra os seus dotes de romancista arrojado com os de investigador paciente, saberá, pela certa, extrair-lhe tódá a soma de interesse que elle contém. E, senão, aguardemos o termo do trabalho.

Se nos passasse pela cabeça requerer privilégio da atenção que, através da literatura, se está desenvolvendo entre nós pela vida colonial, creio que isso nos seria prontamente recusado. Porque a verdade é esta: lá fora está-se verificando o mesmo interesse por estas coisas. Livros de imaginação e livros de estudo, inspirados no modo de viver dos africanos, pulham hoje por tódá a banda. E igual coisa se observa quando tomamos conhecimento dos assuntos versados nas várias conferências internacionais: lá testeira do rol, colónias, sempre colónias, seus processos de administração, assistência aos indigenas, e mais temas que com estes confinam.

Andamos, pois, ao ritmo da época — e isto já não é mau de todo, quando, metidos na orquestra europeia, na maioria das partituras que ela ataca, tantas vezes desafinamos...

Para a bibliografia portuguesa de carácter colonial acaba o sr. major Francisco de Aragão de contribuir com um volume, *Tropas Negras*, que compila vários estudos que o herói de Nauilila, apaixonado da Africa e da profissão das armas, em tempos espalhou nos periódicos, estudos focando, todos eles, a urgente necessidade de se organizar em bases sérias a defesa militar das nossas colónias. Ajustando o problema especialmente a Angola, que é a provincia que lhe é mais familiar, o autor enfeixa nestas páginas um conjunto de conhecimentos e observações que se hão-de impôr à atenção dos técnicos e dos governantes, para salvaguarda do património colonial português, nesta hora sob tantissimas e tão desencontradas ambições.

O livro não apresenta, como é natural, um alto expoente literário. Escrito correntemente, numa exposição clara dos assuntos, todavia algumas das suas páginas, aquelas do preâmbulo e da dedicatória, que invocam os pobres e arrojados soldados de côr, mortos, nos algares da terra negra, pela glória de Portugal, tem frémto: são traçadas com entusiasmo e comoção.

O sr. Ramiro da Fonseca enviou-nos um livrinho, *Ondas*, composto de sonetos da sua autoria. Mesmo como estreia, é fraco, muito fraco. Nem com o auxilio das duas cartas de prefácio do sr. Visconde de Vila-Moura, elle poderá ir longe no caminho do êxito. O pensamento poético raramente nas suas composições se exime à nebulosidade e, a par, a técnica do verso mostra-se ainda muito incerta. Se há um poeta no autor, nestas *Ondas*, nem sequer vem à tona de água.

Já o volume, também de versos, *Da minha capa velhinha*, não obstante a idade juvenil do seu autor, sr. Augusto Amado de Aguiar, me deixou melhor impressionado. Concordo com o sr. prefaciador, sr. Pedro Fazenda: há nestas páginas, entre a silva emaranhada das suas ingenuidades, manifestações inegáveis duma sensibilidade de artista, quer nas trovas de amor, quer, em especial, nas que perscrutam a alma errática da estepe alentejana, terra natal do poeta.

CÉSAR DE FRIAS.

NOTA DA DIRECCÃO. — Esta revista, que se destina a tódas as correntes do público e não se subordina, por-tanto, a sistemas doutrinários, políticos ou religiosos, não exerce, como é óbvio, qualquer censura, quer prévia quer posterior, à matéria dos artigos que insere, cabendo assim a inteira responsabilidade dèles aos colaboradores que os assinam. Vem isto a propósito dos reparos que a algumas pessoas suscitaram — das quais se constituiu emissário junto de nós o sr. dr. Santana Rodrigues — certas afirmações contidas no último dos artigos que o sr. Alvaro Maia publicou nesta secção. As aludidas afirmações, inclusas no comentário a um recente opusculo sobre a Índia, foram tomadas como afrontosas para os oriundos daquella pais oriental. Supomos que o nosso antigo colaborador não teve em mira ofender os indianos, — mas ainda que assim fosse, o que esta Revista nunca faria seria apadrinhar quaisquer juízos que menoscabassem a terra indiana e os seus naturats, pois de sobre a e conhecido nesta casa o brilhante lugar que a Índia disfruta na historia da civilização, e bem assim quão numerosa é a pléiade de individuos que, nascidos no seu magnificante solo, onde Portugal conserva ainda estremitadas relictas do seu grande império, se tem notabilizado nas sciencias, nas letras, no fóro, no professorado, em suma, em todos os mais nobres distritos da actividade humana.



VIDA SCIENTÍFICA



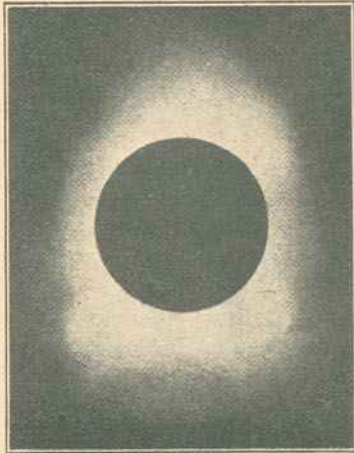
SÓBRE A NATUREZA DA LUZ

NEWTON tinha considerado a luz como formada de corpúsculos extremamente pequenos comparáveis a minúsculas balas lançadas à velocidade doida de 300.000 quilômetros por segundo. Sendo assim, ela devia inclinar-se, por influência da gravidade, ou, na sua passagem por entre os

A existência dessa força de repulsão é, no entanto, demonstrável nos laboratórios: Dentro dum balão de vidro, onde possa fazer-se o vácuo tão completamente quanto possível, suspenda-se a um fio de vidro finíssimo uma pequena haste horizontal, tendo num dos extremos um pequeno disco metálico. Concentrando então sobre este disco a luz duma lâmpada de arco, ver-se-há que elle é repellido, e levemente desviado o fio de suspensão.

Temos, portanto, os raios de luz sujeitos à força da gravidade ou, no caso mais geral, à força atractiva dos corpos celestes, e exercendo, elles também, forças de repulsão. Assimilando-os à matéria, compreende-se que a força atractiva será tanto menor quanto mais diminutas forem as suas dimensões, e que, decrescendo estas além de certo grau, a força repulsiva acabará por prevalecer. Está calculado, quanto ao Sol, que a atracção e a repulsão devem equilibrar-se quando se exercerem sobre particulas de um décimo de milimetro. Os corpos de menores dimensões devem, pois, ser repellidos pelo Sol.

Assim se explica a formação da coroa solar constituída por particulas extremamente ténues que se estendem até grande distância do astro. Assim também se compreende a forma que tomam os cometas. A cabeça, composta por grossos fragmentos, é atraída pelo Sol; a cauda é repellido, por ser constituída de corpúsculos mais ténues, e ás vezes divide-se em vários ramos por ser desigual a força de repulsão dos diversos corpúsculos, em virtude de serem também desiguaes as suas dimensões.



A coroa solar fotografada durante o eclipse total do Sol, de Junho de 1918

astros, sob a acção da força atractiva que estes exercem sobre os corpos. As estrelas vistas por nós não occupariam, portanto, o lugar que nos parece terem no firmamento, desde que os raios que emitem e nós recebemos, passando junto de outro astro, sofressem o desvio que este lhe imprimisse por influência dessa força.

A mesma conclusão chegou Einstein, formando outras deducções. Na verdade, tudo consiste em saber se a luz tem, como a matéria, as propriedades do peso ou da inércia, ou, para apresentar o problema sob forma mais geral, se a matéria, do mesmo modo que a luz, não são mais do que formas especiais da energia.

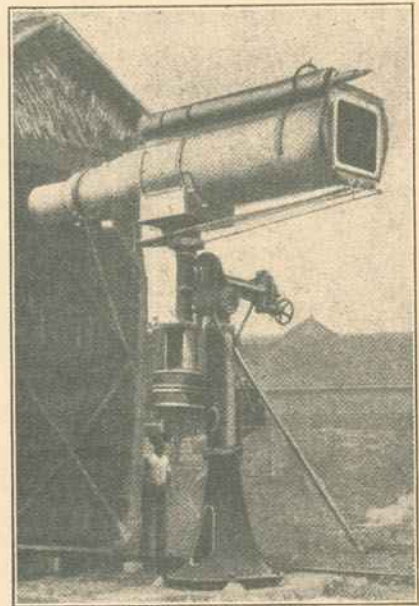
Inércia e peso são duas propriedades intimamente ligadas, que pertencem a toda a matéria. Considerando duas balas, uma de chumbo outra de papel, vê-se que são ambas atraídas pela terra, ambas carecem de energia extranha para se porem em movimento, ambas desprendem energia contra a superficie que lhes intercepte esse movimento. Ambas são, portanto, pesadas e inertes. Mas a bala de chumbo carece de energia maior para ser arremessada e desprende mais energia ao ser detida; é mais inerte. Também é atraída pela Terra, e se-lo-hia pelo Sol ou pela Lua, com maior força; é mais pesada.

Pelo que respeita à luz, se ela deve ser considerada, mais ou menos, como propunha Newton, um feixe seu deve repelir uma superficie como o faria o arremesso contra esta de uma substância material. Essa força de repulsão deve ser extremamente pequena, tanto que a onda de luz solar caindo sobre um hectare de superficie terrestre não exerceria maior pressão do que a correspondente a 4 gramas de peso.



O cometa Halley
Fotografia tirada em Maio de 1910

Nestas considerações se funda a hipótese de Arrhenius, segundo a qual a vida poderia passar de uns para outros astros nos corpúsculos minutísimos que constituem os feixes de luz. Não



Aparelho aperfeiçoado, montado recentemente numa das ilhas da Malásia para observação dum eclipse

será fácil, por motivo da acção destruidora dos raios ultra-violetas; e assim nos espaços interplanetários somente devem vogar gérmens destruidos.

A inércia da luz deve fazer desviar os raios do seu caminho quando passem na esfera de acção de outro astro. Mas esse desvio, pela sua minima amplitude, só poderá ser apreciado em percursos consideráveis e quando as forças atractivas sejam importantes.

Observam-se, portanto, as estrelas em momento em que os raios, que nos enviam, passam junto do Sol. Aqui a gravitação é 27 vezes maior do que a força da gravidade terrestre, e exerce-se sobre os raios de luz durante um considerável percurso. Pode então o desvio atingir valores da ordem do segundo, perfeitamente mensuráveis com os meios astronomicos de que dispomos.

É evidente que as observações só podem fazer-se durante os eclipses totais do Sol, aliás a sua luz tornar-nos-hia invisível a luz das estrelas. A posição do astro observado deve ser então diferente em relação aos outros astros, visto que são os raios que elles emitem que marcam para nós a sua posição no ceu.

Os astronomicos procuraram fazer a demonstração das suas deducções pela observação dos astros, quando se realizaram os últimos eclipses solares. Tentaram-no duas expedições inglesas, em 1919, uma no Brasil, outra na Ilha do Principe; em 1922, uma expedição inglesa na Ilha do Natal, ao sul de Java, e outra norte-americana na Austrália. Foram observados desvios de posição de certas estrelas, de accordo com as hipóteses formuladas; mas alguns astronomicos entendem que são necessárias mais observações para se poder ser nitidamente afirmativo em matéria de tanta importância.

F. MIRA.

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 19.º número)

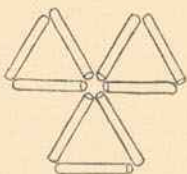
1	A	L	M	I	R	A	N	T	E	G	E	N	E	R	A	L
2	L	I	A	M	E	N	O	O	L	A	S	U	L	E	V	A
3	F	A	R	I	N	H	A	R	E	Z	T	A	O	V	E	Z
4	I	O	I	T	O	O	L	M	E	I	R	O	P	E	L	A
5	N	O	V	A	V	I	T	E	L	A	O	P	A	Z	I	R
6	E	V	O	R	A	B	A	N	H	A	C	A	P	A	D	O
7	T	E	M	O	R	O	R	T	I	G	A	L	A	M	A	M
8	E	L	A	L	A	A	I	A	T	I	L	A	R	A	T	I
9	S	H	A	E	S	M	E	R	A	L	D	A	C	A	I	M
10	A	A	R	A	S	O	N	O	L	I	A	B	A	R	A	O
11	G	R	U	T	A	M	A	L	I	D	A	O	L	E	O	S
12	U	I	M	A	S	I	S	C	A	A	L	I	F	A	V	A
13	L	O	B	O	S	A	O	A	N	D	A	R	U	F	A	R
14	H	A	A	F	I	N	A	D	O	E	R	O	S	E	V	A
15	A	N	G	I	N	A	N	O	V	E	V	I	O	L	A	S
16	S	O	A	M	O	L	A	Z	E	M	E	Z	S	E	L	A

■ ■ ■

OS TRIÂNGULOS

(Problema)

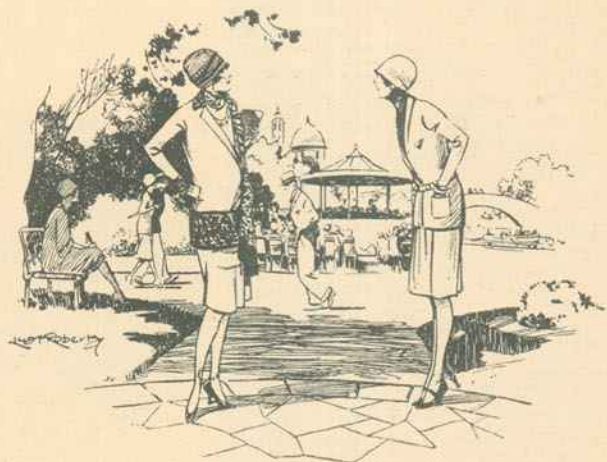
Um sujeito comprou um maço de dez cigarros e fumou um. Em seguida, dispôs os outros nove de maneira a formarem três triângulos, como se vê no desenho:



Poderão os nossos leitores dispor os mesmos nove cigarros de modo que formem cinco triângulos?



Estas duas raparigas não estão sósinhas, como parece; facilmente se podem ver os seus dois companheiros.



— Como é elegante esse teu fato! Gostava que me desses a morada da tua modista; dás?
— Dou, mas numa condição: é que não lhe dês tu a minha morada a ela.

O ISCO

— Agora que estamos casados, o João já me não dá nenhuns presentes!

— Minha querida, não tens que te admirar; por ventura o pescador dá isco ao peixe depois de o ter apanhado?

■ ■ ■

— Tenho a certeza que já o vi em qualquer parte — disse um homem expansivo a outro, completamente estranho.

— É possível — replicou o estranho — eu já lá estive.

■ ■ ■

Um sujeito francês quis, um dia, vender a sua casa. Apresentou-se, para a ver, um rapaz novo mas achou-a demasiadamente grande e cara para os seus modestos meios. Todavia, ao despedir-se, disse:

«Olhe, está-se representando uma peça minha no teatro Francês e tenho outra que foi aceite no teatro da Porte-Saint-Martin. Se esta segunda peça tiver tão grande sucesso como a primeira, comprar-lhe-ei a casa.

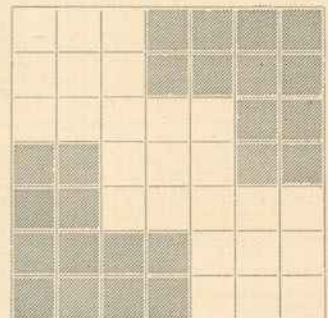
O rapaz novo era Edmond Rostand, cuja célebre peça, *Cyrano de Bergerac*, estava então em ensaios.

Depois do sucesso enorme do *Cyrano*, o dono do prédio telegrafou a Rostand perguntando-lhe se ainda desejava comprar a casa. Rostand respondeu, em seguida:

Casa pequena de mais agora.

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



U	S	S	S	S
O	O	O	O	A
A	A	A	A	L
L	I	I	I	P
E	E	E	E	R

Definições:

Árvore que se cobre de flores cor de rosa. — Tempêro indispensável. — Do ar. — Árvore do Brasil e da África. — Costume. — Um donativo. — Advérbio de designação.

■ ■ ■

PACIÊNCIA COM CARTAS

(Solução)

Coloque-se a fila superior de cartas por baixo da fila inferior e o total será nove em todo o sentido, assim:

4	2	3
2	3	4
3	4	2

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM SETEMBRO DE 1926

LITERATURA

ARDEL (HENRI) — *Atul e branco*. Romance. (Trad. de Campos Monteiro). 2.^a ed. — 298 p. 8.^o — 10\$00.
 ARDEL (HENRI) — *A Culpa alheia*. (Romance). — 356 p. 8.^o — 10\$00.
 ARDEL (HENRI) — *Angoite desce...*. Romance. Trad. de Carlos Abreu. — 337 p. 8.^o — 10\$00.
 ELASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *A Terra de todos*. Romance. Trad. de Agostinho Fortes. — 368 p. 8.^o c. capa II. — 10\$00.
 CAMPOS JUNIOR (ANTONIO DE) — *A Filha do polaco*. Romance histórico. 3.^a ed. vol. 3.^o e 4.^o — 2 vol. 8.^o c. capa II. — 10\$00.
 DELLY (M.) — *Alma angélica*. (Romance). Trad. de Domingos Guimarães. — 304 p. 8.^o — 10\$00.
 DICCIONÁRIO inglês-português. 15.^o ed. — 919 p. 16.^o.
 DOSTOIEVSKI — *A Voiz subterrânea*. (Romance). Trad. de Aurora Jardim Aranha. — 223 p. 8.^o — 8\$00.
 FALCÃO DE CAMPOS (ALBERTO) — *Ao Deus dará...* (Versos). — 79 p. 8.^o.
 FERREIRA (P. JÚLIO ALBINO) — *Commercial english*. — 296 p. 8.^o — 15\$00.
 FERREIRA (P. JÚLIO ALBINO) — *An English Method*. 1.^a parte. 5.^o ed. — 416 p. 8.^o — 20\$00.
 FERREIRA DE CASTRO — *A Persepolis do mundo novo*. Novela. — 148 p. 8.^o c. capa II. — 6\$00.
 FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO), organizador — *Garcia de Resende, a sua vida e a sua obra* (Colecção Patriciana). — 16 p. — 2\$50.
 LACERDA (ARMANDO DE) — *Almas revoltas*. Tragédia em quatro actos. — 415 p. 8.^o — 15\$00.
 MACHADO (ULISSES) — *Livros de leitura para a segunda e quinta classes do ensino primário geral*. — 3 vol. 16. c. grav.
 MARYAN (M.) *O Erro de Isabel*. Romance. Obra coroaada pela Academia Francesa. Trad. por Manuel de Melo. — 344 p. — 10\$00.
 MOURA (MANUEL DE) — *Sonetos de névoa*. — 112 p. 8.
 RUA (JOSE S.) — *Lanterna mágica*. Contos infantis. (Biblioteca Pim-Pam-Pum, IV vol.). 35 p. c. capa II. e grav. — 5\$00
 RIBEIRO (HUBERTO) — *Um Vadio...*. Romance. — 143 p. 8.^o
 ROUBIGUES LARA E CAMARA REIS — *Petit dictionnaire de Français*. Illustrações de M.^{me} Raquel Gameiro Otollini. 1. — 144 p. 8.^o — 6\$00.
 SANTOS (RUI) — *Tu*. (Versos). — 63 p. 8.^o — 5\$00.

SCIÊNCIAS E ARTES

ALVES DA FONSECA (J.) e SIMÕES VAZ (J.) — *Valores dos elementos do magnetismo terrestre na provincia de Moçambique*. — 40 p. 4.^o.
 APPELL (M. PAUL) — *Influence d'un changement de parametres sur l'ordre relatif d'un système materiel non holonome*. — 6 p.
 F. F. M. — *Manual pratico de veterinaria*. — 240 p. 8.^o — 10\$00.
 FERREIRA DE MIRA (M.) — *As Vitaminas*. (Primeiro centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa MDCCCXXV-MCMXXV). — 18 p. — 5\$00.
 FREITAS (CONDE DE JOSÉ VICENTE DE) — *Atlas de desenho*. (Ensino secundario) 1.^a a 5.^a classes. 7.^a ed. — 6.^a e 7.^a classes. 5.^a ed. — 4 folh. 8.^o — 1.^a cl. 3\$50 — 2.^a cl. 2\$50 — 3.^a, 4.^a e 5.^a cl. 7\$50 — 6.^a e 7.^a cl. 7\$50.
 GOSWELLER (JOHN) — *Missão de estudos botânicos*. Reconhecimento botânico e agrícola da comissão de Fogerang, entre Sumba e Gangganga, na margem sul do Zaire. — 40 p. 8.^o.
 LEITE DE VASCONCELOS (J.) — *Medicina dos lusitanos*. (Primeiro centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa MDCCCXXV — MCMXXV). — 63 p. 8.^o — 7\$50.
 MELO BREYNER (PROP. TOMAZ DE) — *O Ensino medico em Lisboa* — O Ensino da venerologia nos ultimos cem anos. (Primeiro centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa MDCCCXXV — MCMXXV). — 30 p. 8.^o — 7\$50.
 MONIZ (PROP. EGAS) — *O Ensino medico em Lisboa* — Clinica neurológica (Primeiro centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa MDCCCXXV — MCMXXV). — 32 p. 8.^o — 7\$50.
 MORAIS (JOSE CUSTÓDIO DE) — *Algumas rochas igneas do distrito de Leiria*. Dióritos de anfigite, etc. — 63 p. 8.^o.
 PEREIRA DA SILVA (LUCIANO) — *O Astrolábio universal da Sociedade de Geografia de Lisboa*. — 10 p.
 PINTO DE MIRANDA (DR. FRANCISCO) — *Preceitos de educação física*. (Lições sobre gymnastica sueca). — VII, 296 p. 8.^o
 SARGES DE ALMEIDA (J.) — *Manual pratico de caligrafia em pautas*. 29 pautas. — 5\$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ARAÚJO (MAJOR FRANCISCO) — *Tropas negras*. As forças ultramarinas da defesa nacional. — 167 p. 8.^o — 8\$00.
 ASSIS GONÇALVES (H. DE) — *Rescaldo da Flandres*. (O meu ultimo depoimento para a história do C. E. P.). — 122 p. 8.^o c. três est.
 AZEVEDO NEVES — *A Casa de Santo António*. Discurso pronunciado na sessão do Senado da Ex.^{ma} Camara Municipal de Lisboa, em 13 de Junho de 1924. — 19 p. — 4\$00.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS

EDGARD PRESTAGE



Se esta galeria de lusófilos obedecesse a uma escala, previamente estabelecida, de méritos e antiguidades, e não, como afinal acontece, a ocasional aquisição dos respectivos elementos, — tê-la-íamos iniciado pelo nome que hoje a encima e enobrece. E que das poucas individualidades estrangeiras interessadas pela nossa literatura e pela nossa história, esta é das que devemos apontar como mais fervorosas e perseverantes. Há bem mais de trinta anos que as coisas do nosso Portugal, em cujo solo por vários e longos periodos demorou, gozam da sua generosa simpatia e das suas fortes curiosidades mentais. Nestas breves linhas, que nem chegam a formar um fugidivo perfil, não cabe, evidentemente, o censo sequer aproximado de quanto tem produzido em nosso favor esta notável figura de inglês estudioso. O que temos em mira é somente recordar o seu nome illustre e enunciar alguns dos feitos mais salientes da sua obra. Esta, que não é constituída apenas por traduções de trabalhos de muitos dos nossos cronistas e escritores, como Zurara, D. Francisco Manuel de Melo, Sôror Mariana Alcoforado, Garrett, Rebelo da Silva, Antero de Quental, Eça de Queirós e outros mais, o que já seria prestimoso e bastante, apresenta ainda attributos mais altos: tem ido até a investigação original, feita com excelente critério entre o precioso conteúdo dos nossos arquivos. Dotado de superiores qualidades críticas, teem-nas traído, com admirável dedicação, ao serviço das nossas letras e da nossa história, principalmente, quanto a esta, no seu departamento de politica diplomatica. Além de muitos outros estudos, a sua biografia de D. Francisco Manuel de Melo, a bem dizer exaustiva, tornaram-no para sempre digno da profunda estima dos nossos intellectuais. Residindo hoje em Londres, ainda ali o seu lusitanismo não sofre eclipse: é professor da cadeira «Camões», cujo titulo denuncia o teor da matéria leccionada, na Universidade da grande capital britânica.

CALDAS da Rainha. (Retroiro-guia). — 31 p. 8.^o II.
 CHABLES (MRS RUNDLE) — *Cronica da familia Schönberg-Cotta*. 2.^a ed. — 536 p. 8.^o — 15\$00.
 CORTESAO (JAIME) — *Le Traité de Tordesillas et la decouvert de l'Amérique*. Communication lue au XXII congrès international des américanistes tenu à Rome en Septembre, 1926.
 CUNHA LEAL — *Eu, os politicos e a nação*. — 337 p. 8.^o c. capa II. — 12\$00.
 FONSECA (TOMAS DA) — *Santa Clara-a-Velha de Coimbra*. — 67 p. 8.^o c. est.
 HISTORIA das notaveis festas do Corpo de Deus em Penafiel. — 15 p.
 LOURO (ANTONIO AUGUSTO) — *Uma Excursão à Serra d'Aire*. — 58 p.
 MANUAL do peregrino português em Lourdes. — 143 p. 8.^o
 MOREIRA (EDUARDO) — *Durante a guerra*. Ultimos ecos duma campanha economica. — 193 p. 8.^o — 6\$00.
 MOREIRA JUNIOR (MANUEL ANTONIO) — *Discurso proferido na Anadia em 1 de Agosto de 1926*. Homenagem a José Luciano de Castro. — 10 p.
 RIBEIRO (ARTUR) — *A Derrocada do «Barão de Fatações»*. Inquerito ao suicidio... dum capitalista. — 88 p. 8.^o
 VITÓRIA (SIMEÃO) — *Reconquista de Angola nos holandeses*. 1648. — 50 p.

RELIGIÕES

ACTOS dos apóstolos. Trad. de A. P. de Figueiredo. — 98 p. 16. — 1\$00.
 BIBLIA (A) *Sagrada* contendo o velho e o novo Testamento Trad. de A. P. de Figueiredo. — 1098 p. 16.^o — 5\$00.

SCIÊNCIAS CIVIS

CÓDIGO comercial português. Publicação oficial ordenada por decreto de 23 de Agosto de 1888. 11.^a ed. — 158 p. 8.^o — 15\$00.
 DIAS FERREIRA (DR. JOSÉ EUGÉNIO) — *Politica nacional*. Trabalhos de propaganda politica. Carta-prefácio do embaixador estadista e jurista consultor Dr. Júlio de Vilhena. — 265 p. 8.^o — 5\$00.
 HIGGS (ABEL) e SANTOS PINTO (FERNANDO DOS) — *Direito fiscal*. Apontamentos coligidos segundo as prescricções do Dr. Armindo Monteiro ao 3.^o anno juridico de 1925-1926 vol. I. — 256, VIII p. 8.^o — 40\$00.
 HORTA OSÓRIO (ANTÓNIO) — *O Caso do Angola e Metro-pole*. Uma calúnia desfeita. Contra-minuta de recurso no agravo de fiança interposto por D. Maria Luisa Jacobetty Alves Reis. — 38 p. 8.^o.
 LISTA dos navios da marinha portuguesa (...) referida a 1 de Janeiro de 1926. — 110 p. 4.^o
 MARTINS (FIDMO A) — *Câmbios — Sistemas monetários e arbitragens*. — 329 p. 8.^o — 20\$00.

CARTOGRAFIA

CARTA itinerária de Portugal, especial para automóveis. —

POLIGRAFIA

ALMANACH das senhoras para 1927. Portugal e Brasil. — 383 p. 8.^o c. capa II. e grav. — 5\$00.
 NOVO ALMANAQUE de lembranças luso-brasileiro para o anno de 1927. — 160, 384, VI p. 16.^o c. grav. — 5\$00.

UM FOLHETO DE PROPAGANDA DO ALGARVE

Se bem que a passo curto, vamos já, felizmente, sendo sensíveis às necessidades imperiosas da nossa época, no número das quais está a propaganda, essencial, decisivo elemento de toda a iniciativa e de todo o progresso. Propaganda! — eis o grito que agita o mundo moderno. Nós é que (digamo-lo aqui à puridade) temos estado perante êle um pouco surdos... Não que respeita ao turismo, para cuja industria a natureza não nos reateou a matéria-prima, que do norte ao sul do país é de caracter mais suggestivo e felicitoso, sem ella, sem propaganda, nada se faz.
 O Algarve, que é uma das mais belas regiões de Portugal, começa também agora a ter quem o imponha à curiosidade dos turistas. Há pouco foi a Direcção do C. de F. do Sul e Sueste a imprimir e afixar um cartaz com aspectos das suas mais atraentes paisagens. Neste momento, a agência em Paris da Sociedade Propaganda de Portugal publica e distribui um pequeno guia dessa risonha provincia transtagana, excelentemente organizado e impresso. Este folheto, que merece certamente (talvez não erretos vendo nêlo o dedo do sr. Guerra Maio, devoto destas coisas), inclui um mapa do nosso sul e vistas das terras algarvias, sendo o texto escrito em francês e inglês.

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	Escudos 21\$00	Escudos 42\$00	Escudos 84\$00
COLONIAS:			
Africa Occidental	» 22\$00	» 44\$00	» 88\$00
Africa Oriental, India, Macau e Timor	» 24\$00	» 48\$00	» 96\$00
ESPAÑA	» 22\$00	» 44\$00	» 88\$00
ESTRANGEIRO	» 32\$00	» 64\$00	» 128\$00



PETROLEO

M. 4. 7.

HAHN



PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 20,000 FRASCO PEQUENO 14,000
VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.^{da}

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA



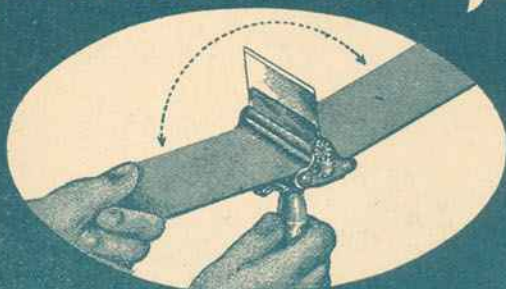
A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablação e durante o periodo da crecção.

Útil aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C^o), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

Máquina de barbear "VALET" Auto Strop



Economisa continuas despesas de laminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

- 1º Dispositivo suavizador que permite dar à lamina em dois segundos um fio finissimo, sem haver necessidade de retirar a lamina da maquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial e custoso.
- 2º Graças á qualidade do aço as laminas podem servir 50 vezes ou mais, economizando continuas despesas de laminas novas.
- 3º A limpeza é extremamente facil, não havendo necessidade de retirar a lamina nem de deseparar ou desmontar nenhuma peça.

Agencia: Lachaud, 44 Rua dos Fanqueiros Lisboa

VERAMON



Se sofre de dores é porque o quer.

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON SCHERING desaparecerão rapidamente suas dores de cabeça, dos dentes, assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sono, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 comprimidos de 0,4 gr.

Chemische Fabrik auf Aktien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39

Dias, Costa & Costa

CASA BANCARIA ESTABELECIJA EM 1874

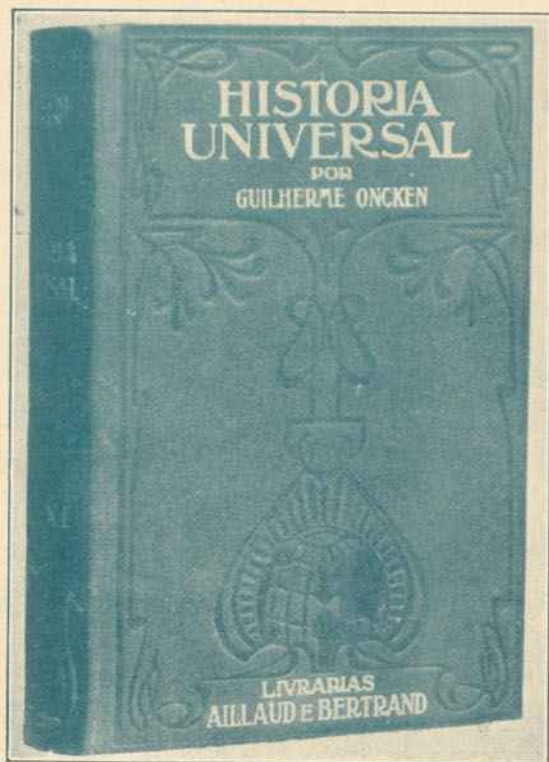
76, 78 e 80, 1.ª, Rua Garrett — LISBOA

End. teleg.: "PUSHING" Telef.: C. 380
C. 2525 P B X
C. 2319

Contas Correntes — Depósitos à ordem e a prazo — Cheques — Títulos — Cambiais — Coupons — Descontos — Cartas de crédito

Secção de Seguros — Secção Marítima
Secção de Trânsito e de Mercadorias

Usamos todos os principais códigos telegráficos



OBRA MONUMENTAL

HISTÓRIA UNIVERSAL

POR
GUILHERME ONCKEN

Já publicados: 91 tomos = 15 volumes.

Aceitam-se assinaturas desde o início, facultando-se a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

A terminar brevemente a publicação.

Cada vol., enc.	65\$00
Cada tomo, br.	8\$00
Encadernação por cada vol.	25\$00
Capas para a encadernação	15\$00

Pedidos às

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedroso* e presentemente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em lingua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a cores, com reproduções de quadros célebres representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc., etc. Impressa em esplêndido papel, hors-textes em papel couché, in-4. — Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume.

